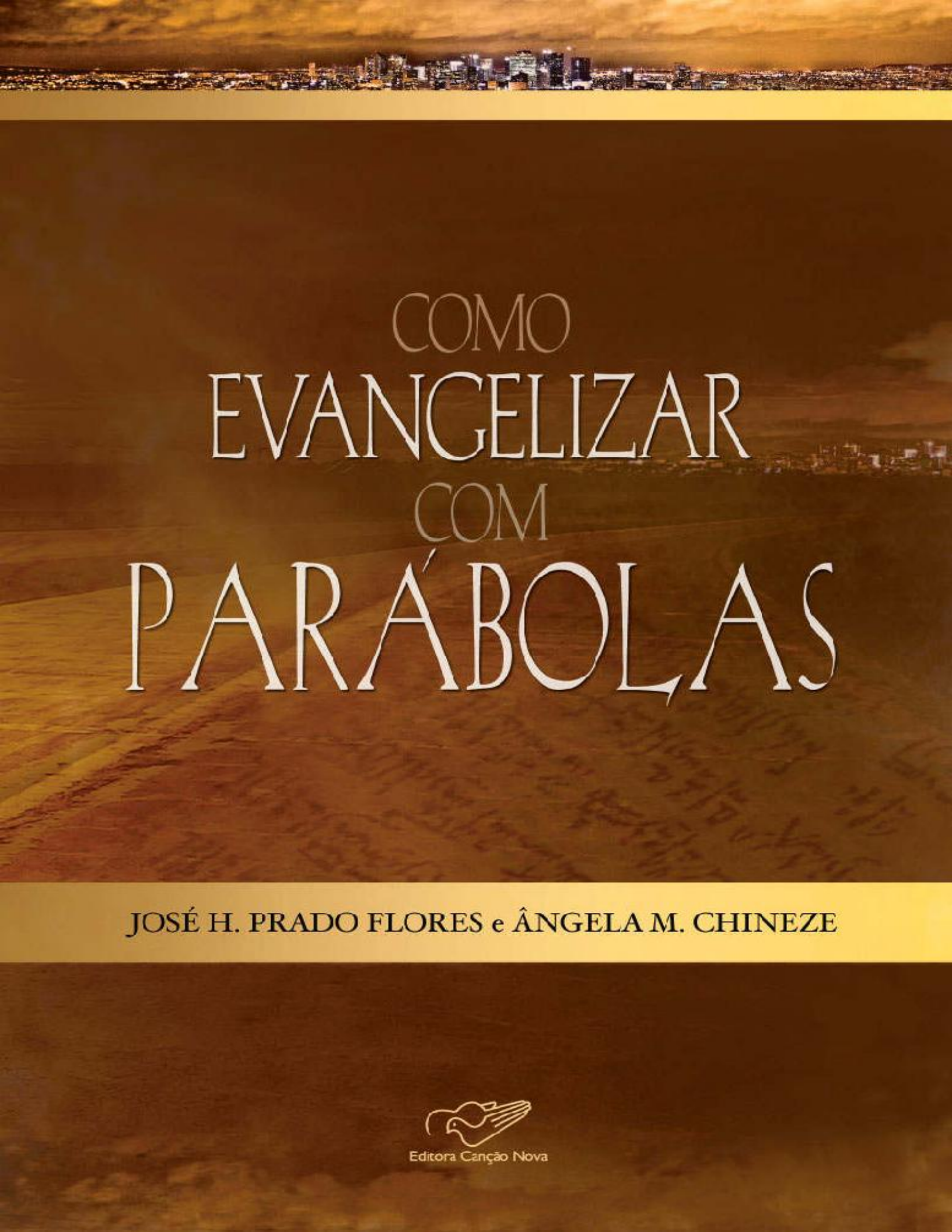




COMO EVANGELIZAR COM PARÁBOLAS

JOSÉ H. PRADO FLORES e ÂNGELA M. CHINEZE



Editora Canção Nova



JOSÉ H. PRADO FLORES
ÂNGELA M. CHINEZE

Como Evangelizar com Parábolas



COORDENAÇÃO EDITORIAL: Iara Rosa da Silva
EDITORA: Cristiana Negrão
CAPA: Agência Canção Nova
PROJETO GRÁFICO: Tiago Muelas Filu
DIAGRAMAÇÃO: Claudio Tito Braghini Jr.
PREPARAÇÃO E REVISÃO: Lilian Miyoko Kumai
Ellen Cristina Paulino da Costa
DIAGRAMAÇÃO DIGITAL: i9 Design / Claudio Tito Braghini Junior

© Direitos Reservados

Edições Rabbuní S. A. de C.V.

México

RABBUNI  www.rabbuni.com
rabbuni@rabbuni.com

EDITORA CANÇÃO NOVA
Rua São Bento, 43 - Centro
01011-000 São Paulo SP
Telefax [55] (11) 3106-9080
e-mail: editora@cancaonova.com
vendas@cancaonova.com
Home page: <http://editora.cancaonova.com>

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-85-7677-070-1

© EDITORA CANÇÃO NOVA, São Paulo, SP, Brasil, 2008

Apresentação

Alonso Quijano era um jovem sonhador obcecado por aviões. Toda vez que um atravessava os céus, ele acompanhava-o até se perder entre as nuvens ou desaparecer no horizonte. Colecionava aviõezinhos de plástico e tinha muitos modelos de aeroplanos. Porém, nunca havia subido em um deles.

Um dia, numa velha livraria da cidade, encontrou um interessante livro intitulado *Aprenda a Pilotar um Avião em Sete Fáceis Lições*. Além do preço irrisório, o que lhe chamou a atenção foi o título insinuar que seria fácil pilotar uma dessas máquinas tão fascinantes.

Sem hesitar, comprou imediatamente o volume, e, para ler com mais emoção, encaminhou-se para o aeroporto da cidade. Lá, aproximou-se de um pequeno avião que, coincidentemente, estava aberto. Sentou-se no assento do piloto e começou a repassar cada lição do magnífico tesouro descoberto:

“1ª Lição: Ligar.

Gire a chave e ligue o motor.”

Para sua surpresa, a chave havia sido esquecida no painel, então obedeceu o manual, e o motor bramiu com potência.

“2ª Lição: Partida.

Conduza o avião para o começo da pista. Com os pés, mova os pedais para a direção desejada.”

Alonso seguiu as indicações e, emocionado, passou à...

“3ª Lição: Decolagem.

Acelere, empurrando a alavanca que está à sua direita, e a nave levantará voo.”

Assim o fez, e tudo acontecia exatamente como previsto no fabuloso manual.

Já no ar, subia e descia, dava voltas. Passava para a quarta lição, que detalhava as diferentes funções dos instrumentos de navegação; depois para a

quinta, que oferecia os princípios básicos da aerodinâmica; para a sexta, que explicava sobre o regulamento de vôo; e para a última, que mostrava os sinais da torre de controle.

Alonso voava por cima das nuvens e contemplava os cumes de neve das montanhas. Em verdade, o volume que lhe custara tão barato era um maravilhoso princípio para pilotos amadores.

Depois de três horas, com pleno domínio do aparelho, a gasolina começava a acabar e o novato piloto desejou descer. Procurou em cada página, sem localizar as indicações necessárias para pousar. Engoliu a saliva e, com nervosismo, consultou o índice, porém nada encontrou sobre a aterrissagem. Começou a suar abundantemente e a respirar de forma ofegante. Por fim, na última página, estava escrito, com letras grandes: “Para aterrissar”. Colocou a mão direita em seu peito, dando um profundo suspiro, e olhou para o céu em sinal de agradecimento.

Entretanto, abaixo do título “Para aterrissar”, havia a seguinte informação: “Consulte o segundo volume!”. Alonso Quijano só havia comprado o primeiro... !

Na Igreja, temos um maravilhoso Primeiro Volume de reflexão e teologia sobre a Palavra de Deus e o Dogma, porém nem sempre conseguimos fazer aterrissar para o povo de Deus o grande conteúdo do Depósito da Fé e a riqueza da Bíblia, e permanecemos nos cumes inacessíveis da reflexão teórica e nas inalcançáveis alturas da doutrina, sem descer para a pista da dimensão pastoral.

Temos muitas lições profissionais para sobrevoar pelas nuvens da Teologia e Documentos Eclesiais de dimensão mística, esquecendo que Deus revela aos simples o que sábios e prudentes deste mundo desconhecem.

Nestas páginas, oferecemos o Segundo Volume, dando orientações para que a mensagem sempre nova da Palavra de Deus aterrisse. Incursionando nos espaços da analogia, estes relatos irão cativar os leitores, a fim de que compreendam e preguem a Palavra de Deus.

Trata-se de aproveitar a linguagem simbólica, pois capta, de maneira intuitiva, a essência da mensagem. Através de alegorias e fábulas, em que os animais falam e as árvores caminham, vamos aterrissar o vôo da Revelação Bíblica, para que possa ser mais bem assimilada, vivida e proclamada.

Deus usou a linguagem simbólica das imagens para revelar-se a Si mesmo por meio de um oleiro (Jr 18,1-6), de duas irmãs (Ez 16) ou uma noiva com vestido de festa (Ap 21,2). Porém, chegada a plenitude dos tempos nos oferece o sinal máximo do amor, enviando seu Filho Único (Jo 3,16). A Palavra se faz carne (Jo 1,14), e é a “imagem de Deus invisível” (Cl 1,15) que revela o mistério do Reino por meio de parábolas (Mt 13,34), dialogando com uma figueira (Mc 11,14) e até mesmo com a cidade de Jerusalém (Mt 23,37).

O Mestre de Nazaré, que não estudou em nenhuma das famosas escolas rabínicas da capital, usa a linguagem simbólica porque ela é compreensível a todas as culturas, homens e mulheres, ricos e pobres. Por exemplo, quando afirma que Ele é a porta e nós somos as ovelhas, não podemos analisar esta descrição de maneira ontológica, mas simbólica.

A comunicação através de alegorias repletas de significado nunca sai de moda. Ao contrário, hoje em dia ampliam-se os horizontes do mundo das imagens, logotipos ou ícones. Os símbolos ganham mais importância que as palavras. Será porque uma imagem vale mais que mil palavras?

Este Segundo Volume não é reflexão nem teologia, mas uma incursão na mágica e cativante linguagem analógica, que se comunica por símbolos que tocam primeiro o coração, depois a mente.

Nestas páginas apresentamos a mensagem sempre nova da Palavra de Deus através de metáforas e parábolas que nos ajudam a compreender melhor a revelação de Deus.

Se alguém precisa do Segundo Volume para saber como aterrissar suas pregações, ele está em suas mãos. Este Segundo Volume nos ajudará a aterrissar e apresentar os ensinamentos bíblicos de forma emotiva e atrativa, com novas expressões e métodos, como tantas vezes pediu o Papa João Paulo II.

Que a Palavra de Deus, que não está acorrentada, corra por todos os meios possíveis para que o mundo saiba e experimente o amor de Deus, que salva gratuitamente.

Londrina, Brasil
Guadalajara, México
3 de Dezembro de 2006

Colhes o que semeias

Eco no cânion do colorado

A Palavra de Deus afirma: “Quem semeia pouco também colherá pouco, e quem semeia com largueza colherá também com largueza” (2Cor 9,6).

O quanto e como damos é a medida do que recebemos. O banco da vida é justo e nos devolve o mesmo que antes depositamos.

Depois, São Paulo nos adverte, baseado em sua própria experiência: “O que alguém tiver semeado, é isso que vai colher. Quem semeia na sua própria carne, da carne colherá corrupção; quem semeia no Espírito, do Espírito colherá a vida eterna” (Gl 6,7-8).

No Cânion do Colorado, um pai passeava com seu filho de sete anos. A manhã estava quente e o sol resplandecia num céu aberto. De repente, o pequeno cai, machuca o joelho e grita: “aaaaahhhhhhhhh!!”.

Para sua surpresa, ouve uma voz oculta que também se queixa: “aaaaahhhhhhhhh!!”.

Curioso, o menino grita: “Quem está aí?”.

Das profundezas do Cânion, uma voz lhe faz a mesma pergunta: “Quem está aí?”.

Irritado com a resposta anônima, o menino grita: “Covarde, por que se esconde?”.

Do outro lado, alguém lhe responde agressivamente: “Covarde, por que se esconde?, por que se esconde?”.

O menino olha seu pai e lhe pergunta: “Que acontece?”.

O pai sorri e lhe diz: “Meu filho, preste atenção”. Então, ele grita para a montanha: “Te admiro”.

Do fundo do Cânion, alguém lhe confessa várias vezes: “Te admiro, te admiro, te admiro”.

Mais uma vez, o homem exclama: “És um campeão”.

A voz lhe responde: “És um campeão, campeão, campeão”.

O pai sussurra em voz baixa: “Te amo”.

A voz lhe responde com suavidade: “Te amo, te amo, te amo”.

O pequeno fica espantado, porém não entende.

O pai lhe explica olhando em seus olhos: “Nós chamamos isso de eco, filho, porém, na realidade, é a vida”.

E acrescenta em voz alta: “Ela te devolve o que lhe diz ou faz...”.

“Ela te devolve o que lhe diz ou faz, o que lhe diz ou faz, diz ou faz”, repete aquela voz do fundo do Cânion.

Cada um colhe e recebe o que tem semeado e feito.

Se desejas mais amor neste mundo, semeia amor ao seu redor. Porém, se desejas pouco amor, dá pouco.

Se esperas felicidade, dá felicidade a quem te cerca.

Se queres sorrisos e bênçãos, sorri e abençoa.

Se gostas de colher desprezo, menospreza.

Se desejas bem materiais, comparte-os.

Se buscas amigos, fazê-os.

Se preferes solidão, fecha-te em ti mesmo.

Se te interessa o meio ambiente, semeia uma árvore e não contribua com o aquecimento do planeta.

Se necessitas que te escutem, escuta aos demais.

Se procuras boa saúde, cuida de tua alimentação e beba muita água.

Se queres uma família melhor, saiba atendê-la.

Se até o dia de hoje tens estado colhendo solidão, enfermidades, tristezas, traições, não culpes os outros. Antes, reveja suas atitudes, as sementes que tens semeado, e mude se preciso for, para que, rápido, muito rápido, possas colher frutos abundantes e permanentes (Jo 16,8-16).

Senhor, percebo que hoje estou colhendo o que um dia semeei.

Quando semeei pouco, colhi pouco, porém quando semeei muito, recolhi com fartura: muito amor ou ressentimento, pouca alegria ou paciência; muita esperança ou confiança, pouca saúde e amizade. Cada vez que semeei ventos, colhi tempestades. Quando semeei paz, tive um retorno com altos juro. Se colhi corrupção e morte, é porque investi na carne. Porém, quando semeio no Espírito, experimento frutos de vida eterna.

Por outro lado, Senhor, eu sou o campo (1Cor 3,9). Semeia Tua Palavra que é espírito e vida (Jo 6,63), viva e eficaz (Hb 4,12), para que dê fruto cem por um (At 2, Mt 13,8).

Que o eco de Teu Espírito Santo, que sopra como quer, multiplique grandemente a vida em abundância que semeias em meu coração.

*Se queres frutos azedos e ácidos,
semeie limões.
Porém, se desejas frutos doces e saborosos,
semeie laranjas.*

Não temer as más notícias

Corrida de sapos

Um chefe da sinagoga, e portanto rigoroso cumpridor da Lei, de nome Jairo, foi buscar Jesus para que atendesse a sua filha única de apenas doze anos, que agonizava. Como não tinha tempo a perder, o Mestre encaminhou-se rapidamente à casa do chefe. Porém, no caminho, uma mulher, que sofria fluxos de sangue, interrompeu-o não somente para ser curada, mas, fazendo Jesus perder seu precioso tempo, contar toda sua história clínica e como havia sido curada ao tocar Seu manto.

Assim, o valiosíssimo tempo que era necessário para chegar à casa de Jairo foi perdido. Então, os servos da casa do chefe da sinagoga chegam para comunicar-lhe a má notícia de que sua filha já havia morrido e que, portanto, não havia mais nada a fazer. Desanimam-no dizendo que já era inútil qualquer esforço, pois a menina não tinha mais sinais vitais. Jesus, por outro lado, assegura-lhe que simplesmente acredite e tenha fé. O chefe da sinagoga, com o coração apertado, virava-se de um lado para o outro, sem saber em quem acreditar: se nos servos, que lhe davam uma má notícia, ou em Jesus, que lhe assegurava que a menina não estava morta, mas simplesmente dormia (Mt 9,18-26).

Nossos jornais e noticiários estão cheios de manchetes violentas e alarmantes que assustam e tiram a paz. Somos perseguidos, de muitas formas, por acontecimentos inquietantes de terrorismo, injustiça, roubos; e, infelizmente, também nós nos transformamos em profetas de desventuras que propagam notícias negativas de acidentes, doenças e corrupção.

Por outro lado, temos a Palavra e Promessa de Jesus, que assegura: “Não tenhas medo, somente crê” (Mc 5,36).

Nós, e somente nós, decidimos a quem escutar e a quem crer. Para não cair no pessimismo e na desconfiança que desanimam e tiram forças, o Salmista nos convida a não acolher as más notícias: “Não tem medo de notícias más, seu

coração é firme, confia no Senhor” (Sl 112,7).

No dia 31 de dezembro se reuniam os sapos e as rãs do pântano para uma competição anual. O objetivo era chegar ao alto de uma montanha antes da meia-noite.

Ao entardecer, começa a briga com os saltos dos competidores, que não deixavam de sorrir, com a esperança de ganhar o prêmio da corrida.

A multidão de curiosos não acreditava que pudessem alcançar o cume, e assistiam com desconfiança a corrida de sapos e rãs. Então, começaram a dizer em voz alta:

– Esses sapos não vão conseguir. É impossível. Que pena. A montanha é muito alta. Não serão capazes.

Os sapos mais velhos desistiam, desanimados pelos comentários dos outros: “É verdade, não podemos, não vale a pena seguir adiante”, assegurou convencido o primeiro. “A montanha é muito alta”, disse outro, enquanto um terceiro acrescentou: “Além disso, não temos tempo”.

Diante dos permanentes e crescentes comentários negativos dos expectadores, outros sapos também foram cedendo, convencidos de que se tratava de uma missão impossível. Apenas um pequeno sapinho não deixava de saltar, com um sorriso de orelha a orelha.

Então, todas as palavras e observações de desânimo se centraram no sapinho. Às vezes em coro, diferentes animais lhe diziam com gosto:

– Nem precisa se esforçar, não vale a pena; você é muito pequeno; se outros não puderam, você menos ainda. Para que se cansar? É inútil, não vai chegar. Já não tem tempo.

Porém o sapinho seguia saltando, sem se deixar influenciar pelos presságios negativos, enquanto os sinos começavam a indicar o término do tempo. Porém, antes da última badalada da meia-noite, o sapinho atravessou a linha de chegada, diante dos aplausos e admiração de todos os animais do pântano.

As câmaras e os holofotes o cercaram. Os jornalistas lhe perguntavam qual foi o segredo para alcançar a meta e vencer as predições e opiniões negativas.

O sapinho não respondia. Insistiram para que ele revelasse o segredo. Então, o sapinho retirou um papel em que estava escrito: “Sou surdo”.

A surdez, diante da postura de derrota, é a vacina para não nos

contaminarmos de tristeza ou desânimo. As palavras que se abrigam em nossa mente têm um efeito imediato; para o bem ou para o mal. Por isso, devemos fechar as portas para o pessimismo.

Não se pode evitar os amargos frutos da frustração dos outros, mas sim ser capaz de imunizar-se contra seus erros. Não permita que pessoas com pensamentos negativos destruam as melhores e mais ricas esperanças de teu coração. Não permita que os ventos das críticas apaguem a chama da esperança.

Seja surdo ao negativismo e ao pessimismo, como também àqueles que desconfiam de você ao dizerem que não pode realizar seus sonhos. Se escuta ou dá crédito àqueles que te fazem temer com notícias alarmantes e negativas, viverás com medo e inquietude.

Somos receptores tanto de boas como de más notícias, porém temos a capacidade de aceitar as primeiras e rejeitar as segundas. Por isso, o Salmista nos convida a não receber as más notícias.

De qualquer maneira, a voz mais perigosa não vem de fora, mas de dentro de nós mesmos. Por isso, seja surdo a seus gemidos lamentosos que o convertem em vítima e conduzem à auto-compaixão. Não acredite quando, do fundo de seu coração, brotar uma voz que repete: “Não posso, não vale a pena, é impossível”.

Em nosso interior, também geramos fantasmas que nos assustam, como naquela noite de tempestade no Lago de Tiberíades: o medo fez com que os discípulos confundissem Jesus com um fantasma.

Não cure, Senhor, minha surdez.

Faz-me surdo às más notícias.

Que não escute nem se abriguem em meu coração os pensamentos negativos que criam atitudes pessimistas e destrutivas.

Faz-me surdo quando me dizem que não posso, que é impossível e que não vale a pena.

Faz-me surdo, Senhor, para não escutar os profetas de desventuras, mas, ao mesmo tempo, transforma-me em alegre mensageiro de boas notícias que não apagam a mecha que fumeja, senão que acreditam em milagres e esperam contra toda esperança (Mt 12,20; Rm 4,18), porque minha fé está fundamentada em um morto que ressuscitou ao terceiro dia.

De maneira especial, faz-me surdo às minhas vozes internas que aparecem como fantasmas para desanimar-me e desalentar-me. Não me deixe influenciar nem sequer por mim mesmo, quando o céu escurecer ou o mar ameaçar com temporais.

E quando vierem me dizer que já não há mais nada a fazer, Senhor, fale-me mais forte e repete: Vai, tua fé te salvará. Não tenha medo. Amém.

*Não acolha palavras que te prejudiquem
nem coloque fertilizante em notícias negativas.*

A esperança nunca falha

Quatro velas

Existe uma virtude que não é valorizada até o dia de hoje: a esperança. Ela é chamada de a irmã menor entre as virtudes teologais. De qualquer maneira, São Paulo a valoriza de forma especial: “A esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5).

A prova dada pelo apóstolo é irrefutável: Deus já derramou seu Espírito. Espírito que renova a face da terra em nossos corações (2Cor 1,22) e nos faz viver nossa salvação na esperança (Rm 8,24).

A virtude de Abraão não foi simplesmente a fé, mas sua fé expectante. O ancião patriarca de Ur da Caldea soube “esperar contra toda esperança” (Rm 4,18). Quando o cumprimento das promessas parecia ilógico e até confuso, ele seguiu esperando: (Abraão) esperava a cidade de sólidos alicerces que tem Deus mesmo por arquiteto e construtor (Hb 11,10).

Em uma ampla sala, quatro velas compartilham sua luz em uma tarde de verão.

Quando o crepúsculo suavizou as cores e as sombras apareceram, um triste diálogo surgiu entre elas.

A primeira vela disse, entre soluços:

– Eu sou a paz... Eu não sei o que faço acesa neste mundo. Os homens preferem a guerra, a violência e o terrorismo. Eu, melhor, me apago... E foi morrendo...

A segunda vela afirmou com decepção:

– Eu sou a verdade... Já não sirvo para nada neste universo. As pessoas preferem viver na mentira e no engano. Sou excluída e mentem tanto uns aos outros. Eu já não tenho nada que fazer neste planeta. Melhor, vou desaparecer deste mundo...

A terceira vela se levantou com tristeza:

– Eu sou o amor... Eu já não tenho forças para permanecer viva. As pessoas

já não crêem no amor: os casais se divorciam e as famílias se dividem. Reina o egoísmo em tantos lugares. Prefiro extinguir-me... E foi-se apagando...

Davi, um menino de sete anos, entrou lentamente na sala que era iluminada tenuemente pela última vela. Ficou com medo e começou a chorar.

– Tenho medo. Desapareceu a paz, a verdade e o amor. O mundo, meu mundo, está nas trevas. Não quero viver neste caos tão escuro.

A última vela, a única que continuava acesa, iluminou as lágrimas de seus olhos e lhe disse:

– Davi, não chore, não tenha medo. Enquanto eu permanecer acesa, posso acender todas as velas que estiverem apagadas. Eu sou capaz de dar luz outra vez à paz, à fé e ao amor.

O menino perguntou:

– Você é capaz de acender outra vez a luz da paz, da fé, e do amor? Quem é você?

A vela respondeu:

– Davi, eu sou a Esperança. Enquanto eu permanecer acesa, nem tudo está perdido.

O menino repetiu:

– Você é a esperança. Enquanto permanecer acesa, nem tudo está perdido?

– Com minha luz se pode acender outra vez a paz, a verdade e o amor.

O menino pegou a vela da esperança e acendeu as outras três, enquanto proclamava: “Com a esperança conseguimos acender todas as velas apagadas”.

As outras velas repetiam em coro: “Com a esperança se acendem todas as velas apagadas”.

A esperança torna possível o que esperamos, e podemos acender todas as velas apagadas.

Assim como Abraão viu o dia do Senhor que esperava (Jo 8,56), nós podemos já viver nossa salvação na esperança (Rm 8,24).

Assim como o suicídio é a porta falsa para quem perdeu a esperança, a força interna que permitiu a sobrevivência nos campos de concentração, ou com a qual Davi derrotou Golias, foi também a esperança.

A nós, cabe a tarefa de ser profetas da esperança, para podermos anunciar que o vale de ossos secos volta à vida graças ao Espírito de Deus, que é capaz de

renovar, sim, todas as coisas (Ez 37,1-14).

Posso perder tudo, menos a esperança que me ajuda a recuperar o que antes havia perdido, para vislumbrar o que ainda não recebo, e sobreviver na escuridão da vida, e, ainda, acender outras velas que hoje se apagaram.

Quero ser missionário da esperança nesse casamento que se rompeu, nessa enfermidade incurável, nessa depressão desgastante ou nesse labirinto que parece não ter saída.

Só necessito de uma nova efusão do Espírito Santo, que me faça esperar com toda esperança; que se o Espírito de Deus ressuscitou Jesus entre os mortos, também pode ressuscitar o que está apagado em meu corpo, minha alma e minhas relações com os outros.

Necessito da esperança de que o vale de ossos secos, especialmente o meu, volte à vida e que os prodígios, milagres e as curas, no dia de hoje, sejam possíveis.

*Enquanto permanecer acesa a luz da esperança,
tudo é possível.*

A arca de Noé

Treze Atitudes para sermos salvos

Quando Noé já tinha seiscentos anos e nem nuvens de chuva apareciam no horizonte, Deus pediu-lhe que construísse uma arca de madeira em terra firme. Isso foi motivo de risadas e zombarias entre seus vizinhos.

O relato bíblico é uma rica universidade para aqueles que devem enfrentar dilúvios ou terremotos, enfermidades ou catástrofes na viagem da vida (Gn 6-8).

Constrói para ti uma arca de madeira resinosa, divide-a em compartimentos e calafeta-a com piche por dentro e por fora (Gn 6,14). [...] E cada ser vivo, de tudo o que é carne, farás entrar contigo na arca dois de cada espécie, um macho e uma fêmea, para conservá-los vivos (Gn 6,19). [...] E Noé executou tudo conforme Deus lhe tinha ordenado (Gn 6,22).

Um: Não perca o barco das oportunidades. Sua vida, como a dos outros, poderia depender de uma delas.

Dois: Estamos todos no mesmo barco, e o que afeta um afeta todos.

Três: Planifica e prevê com antecipação, para que o dilúvio não te surpreenda.

Quatro: Ainda que chegue a uma idade avançada, alguém pode pedir que faça algo grandioso.

Cinco: Não desanimes por causa das críticas, e que as zombarias não te afetem. Siga a voz do seu coração, que sempre fala em voz baixa, porém com clareza.

Seis: Por segurança, viaje em dupla, não viaje só.

Sete: Viaje sem bagagem, sem excesso de peso, que ameçam a embarcação.

Oito: A velocidade nem sempre é uma vantagem. Os caracóis e os leopardos partiram ao mesmo tempo.

Nove: Quando se estressar, relaxe.

Dez: Lembre-se que a arca foi construída por amadores; e, o Titanic, por profissionais.

Onze: Depois da tempestade, sempre surge um arco-íris, porém o importante não é que apareça, mas que levantemos a cabeça para nos deixar fascinar por ele.

Doze: Se a pomba que lançou não regressou, não perdeste nada; ao contrário, as águas já baixaram de nível.

Treze: Ama todos os animais, mas tome cuidado com o pica-pau, que pode provocar o naufrágio da arca de madeira.

Hoje, tanto nosso mundo como nossa sociedade, ou nossa família, viaja numa barca em que cada um é responsável pelo outro.

Formamos uma família com todos os animais, até mesmo com a criação, e, portanto, não podemos permitir a extinção de nenhuma das espécies, nem descuidar da natureza. Nosso planeta é a nova arca de Noé.

Senhor Jesus, assim como Noé foi o instrumento para que a humanidade não sucumbisse nessa catástrofe universal, permita-me aprender suas atitudes para viajar na arca da vida com meus irmãos e com a criação inteira.

Se Noé foi capaz de construir uma barca quando tinha seiscentos anos e em terra seca, pois não chovia nada; eu, Senhor, hoje posso começar mais uma vez.

Dê-me otimismo e confiança em mim mesmo e em minhas capacidades, para empreender tarefas que nunca realizei antes, e não me deixe influenciar pelas críticas e zombarias dos outros, sem pensar que minha idade avançada é um obstáculo para grandes empreendimentos e missões.

Dê-me amigos para não viajar sozinho, nem querer chegar antes dos outros, mas ao mesmo tempo que eles.

Ensina-me também a descobrir os pica-paus que podem naufragar a barca.

... e que, depois de qualquer dilúvio, eu saiba levantar cabeça para ver ou arco-íris da tua promessa.

*Todos os homens, os animais e até
a criação viajam na mesma barca,
que é nosso mundo.*

Primeiro mandamento

Primeiro é o primeiro

Um dia, um escriba com segundas intenções perguntou ao Mestre de Nazaré sobre a hierarquia e importância dos mandamentos, para não se perder o acidental:

– Mestre, qual é o primeiro mandamento?

Jesus fez com que a resposta saísse do coração do erudito, que conhecia as Escrituras, para não entrar em nenhum tipo de polêmica e evitar a rejeição sistemática que os profissionais da fé tinham sobre seus ensinamentos: “Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração e com toda tua alma, com toda tua força e com todo teu entendimento; e teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10,27).

Jesus repete a resposta do escriba, entretanto acrescenta que, indissoluvelmente unido a esta prioridade, existe um duplo aspecto: amar o próximo como amamos a nós mesmos (Mt 22,39), sem o qual o amor a Deus reduziria-se a um ideal sem fundamento.

Um professor, na sua aula de filosofia na Universidade Gregoriana de Roma, sem dizer uma palavra e assobiando uma canção, apresentou um recipiente grande e transparente e começou a enchê-lo com bolas de golfe. Enquanto tentava colocar outra, perguntou a seus estudantes universitários se o recipiente já estava cheio. Os estudantes responderam que obviamente já não cabia mais nenhuma bola.

O professor retirou uma caixa com pequenas bolinhas de gude e jogou-as dentro do recipiente. Ele sorria, enquanto as bolinhas caíam entre as bolas de golfe. Então, voltou a perguntar se o recipiente estava cheio. Eles já não estavam tão seguros e somente alguns emitiram um tímido “sim”.

O professor então pegou uma caixa de areia e a jogou no recipiente, fazendo sorrir aqueles que ainda não haviam respondido. Logicamente, a areia preencheu todos os espaços. O professor perguntou novamente se o recipiente estava cheio. Nesse momento, os estudantes responderam com um “sim”

unânime.

Em seguida, ele jogou duas xícaras de café quente e, efetivamente, encharcou os espaços vazios entre a areia, impregnando o ambiente com um suave aroma. Já não havia necessidade de nenhuma pergunta, pois os estudantes moviam afirmativamente a cabeça.

Quando o riso cessou, o professor, acariciando três bolas de golfe com as mãos, disse: “No frasco da vida coloca-se primeiro o essencial, porque, depois, pode não haver lugar para ele. Em seguida, coloca-se as bolinhas de gude, aquilo que é importante: a felicidade, a paz e a saúde. Ao final, a areia, que representa os aspectos transitórios: cultura, vestimenta, trabalho, dinheiro. As prioridades vão primeiro.

Entre os alunos se escutou um murmúrio que se repetia: “As prioridades vão primeiro”.

O professor continuou seu comentário: “O segredo de uma vida harmoniosa e feliz está em configurar uma hierarquia de valores e viver de acordo com ela. Certamente, o que para um é essencial pode ser secundário para outro, e o que é transitório para você pode se transformar em algo importante para o outro; porém, o importante é a existência desta hierarquia em cada um de nós; de outra forma, corremos o risco de encher o frasco do nosso tempo com o acidental e esquecer o essencial”.

O professor já estava se retirando, quando o aluno mais jovem lhe perguntou:

– Professor, e a xícara de café?

– Ah, respondeu o professor, apesar de tudo aquilo que tem que fazer, deve deixar um espaço para uma xícara de café com os amigos, para esbanjar tempo em uma praia, ver um filme ou fazer uma caminhada com os pés descalços... E agora, com licença. Vou tomar minha xícara de café.

Jesus nos mostrou a necessidade da hierarquia de valores quando definiu o primeiro mandamento, que possui três partes: amar a Deus, amar ao próximo e amar a nós mesmos. Elas não podem ser separadas, pois a eliminação de um aspecto repercute irremediavelmente nos outros dois. Trata-se da alma de conduta do crente. Isso seriam as bolas de golfe.

Porém, logo vem as bolinhas de gude dos fatores essenciais, como a amizade, a saúde, a paz ou a família, para, no final, colocar a areia, aquilo que é

necessário ou conveniente, como a comida, a vestimenta, o trabalho ou o carro. O segredo está em dar seu lugar e tempo a cada coisa: primeiro é o primeiro; porque, quando supervalorizamos o secundário, corre-se o risco de perder o essencial.

Jesus estabelece o Reino como a prioridade da vida, o restante é considerado acréscimo (Mt 6,33). O Reino representa o plano de Deus para que sejamos felizes neste mundo e no outro. Porém, para alcançarmos, primeiro é o primeiro: amar a Deus sobre todas as coisas, a nós e a nosso próximo. Entretanto, apesar da apertada agenda do Mestre de Nazaré, Ele tinha tempo para ir à casa de suas amigas Marta e Maria em Betânia (Lc 10,38), ou na casa de Simão, em Cafarnaum, para comer um saboroso peixe com seus amigos (Mt 17,25).

Senhor Jesus, sou como esse recipiente de cristal que necessita ser preenchido com Teu amor para transbordá-lo tanto em mim como naqueles que estão próximos. Inunda-me com Teu amor, para que eu possa amar-Te sobre todas as coisas, com toda minha alma e todas as minhas forças, amando-me também, para ser capaz de amar meu próximo.

Senhor, sei que, se eu colocar essas bolas de golfe no começo, todo o restante cairá em seu lugar. E que, no final, terei tempo para tomar um café com meus amigos.

*Primeiro é o primeiro,
o restante é acréscimo.*

Ama a teu próximo

Reparte teu milho

Sabemos que devemos amar, porém muitas vezes não encontramos o caminho para começar a fazê-lo. Conhecemos o objetivo, mas a estratégia nem sempre está em nossas mãos.

A resposta está no Novo Testamento:

- Jesus disse: Ama a teu próximo... Ou seja, o mais próximo, o que está ao seu alcance para atender.
- São Paulo, por sua vez, expressa: Façamos o bem a todos, principalmente aos irmãos na fé (Gl 6,10).
- São Pedro: Quando o pescador de Cafarnaum conseguiu aquela pesca tão abundante, que quase rompia as redes, não se apoderou de todos os peixes para ele, mas compartilhou seu êxito com seus amigos que estavam na outra margem. O milagre consiste em que a barca dos outros pescadores se encheu até a borda, sem que a de Pedro tivesse menos peixes (Lc 5,1-7).

Certa vez, um jovem repórter perguntou a um agricultor da Argentina se ele podia revelar o segredo de como ganhar, todos os anos, o concurso nacional de melhor produtor de milho.

O agricultor, com toda a simplicidade, confessou:

- É que eu compartilho minha semente com os vizinhos.
- Mas, por que compartilha sua semente com seus vizinhos, se eles também entram no mesmo concurso?, criticou o repórter.
- Você verá jovem, disse o agricultor olhando para aqueles imensos campos. O vento, que vai daqui para lá e logo volta de lá para cá, leva o pólen do milho maduro de um plantio a outro. Se meus vizinhos cultivassem um milho de qualidade inferior, a polinização cruzada degradaria a qualidade do meu. Se vou semear bom milho, devo ajudar meu vizinho a fazer o mesmo.

O amor começa com os que estão mais próximos de nós, é com eles que temos de começar a compartilhar nosso milho para formar um tecido do

corpo, onde se vive o Reino de Deus.

O bom samaritano não foi chamado para salvar todos os moribundos, mas somente aquele que encontrou no caminho (Lc 10,33-35).

Quem pretende viver bem, deve apoiar aqueles que estão por perto. E aqueles que optam por ser feliz têm de contribuir para que seus irmãos e amigos encontrem a felicidade, porque a fortuna de cada um está hipotecada ao bem-estar daqueles que são próximos. Os países que querem alcançar o progresso devem ajudar seus vizinhos a se superarem também.

Não é construindo bardas ou muros nas fronteiras que progrediremos, mas sim compartilhando o milho de nossa alegria, paz e evoluindo com os mais próximos. Dessa maneira, nós vamos crescer e crescer juntos, com maior força.

Senhor Jesus, Tu partilhaste Tua divindade conosco, para nos ensinar a viver como filhos de Deus.

Ensina-nos a compartilhar nossa humanidade com os demais; nossos dons e carismas, nossos bens materiais, espirituais e intelectuais.

Quero aprender a compartilhar o milho do meu tempo, da minha capacidade de escutar, da minha solidariedade, e também os segredos dos meus sucessos e triunfos com aqueles que são mais próximos.

Não permita, Senhor, que eu construa bardas para me defender, porque elas me separam de meus irmãos, que também são filhos Teus.

Que o vento impetuoso do Teu Santo Espírito carregue daqui para lá e de lá para cá a riqueza do melhor de nós mesmos, começando com aqueles que estão mais próximos de nós.

Não somos obrigados a amar todos, mas sim aqueles vizinhos que temos ao alcance.

O amor é um caminho

Ama-te a ti mesmo

São Paulo nunca declarou que o amor é a meta da vida cristã ou o objetivo da existência. Ao contrário, afirma que o amor é um caminho, um processo.

Aspirai aos dons mais elevados! E vou ainda mostrar-vos um caminho incomparavelmente superior (o amor) (1Cor 12,31).

O amor é paciente, é benfazejo, não é invejoso, não é presunçoso, nem se incha de orgulho; não faz nada de vergonhoso; não é interesseiro; não se encoleriza; não leva em conta o mal sofrido; não se alegra com a injustiça; mas fica alegre com a verdade.

Ele desculpa tudo, crê tudo, espera tudo suporta tudo. O amor jamais acabará (1Cor 13,4-8).

Não nascemos felizes, mas para sermos felizes. Esta felicidade vai sendo construída em diferentes graus, e devemos saber que o primeiro deles é amar a nós mesmos, somos o próximo mais próximo ao qual devemos amar. Amar a nós mesmos se resume em nos fazer felizes.

Somente quando ama a si mesmo pode amar os demais, porque, se está bem consigo mesmo, é capaz de estar bem com os demais. Quando você administra (ou controla) sua solidão, sabe levar uma relação.

Necessita valorizar-se para saber valorizar; se querer para saber querer; respeitar-se para respeitar; e aceitar-se para saber aceitar, visto que ninguém dá o que não tem.

Nenhuma pessoa ou relação te dará a paz que você mesmo não tenha criado em seu interior; nem te proporcionará a felicidade que você não tenha construído.

Só poderá ser feliz de verdade com outra pessoa, quando for capaz de confessar a ela: “Já sou feliz. Por isso, não necessito de ti para ser feliz”. O dia em que puder dizer à outra pessoa: “Sem ti estou bem”, estará preparado para viver uma vida a dois.

Você só poderá ser feliz quando viver uma vida a dois, quando duas pessoas felizes se unirem para compartilhar sua felicidade, sem manipular aos que dizem querer. De duas pessoas infelizes não pode nascer a felicidade de nenhum delas.

Para amar é preciso se amar. Requer uma humilde auto-suficiência, alta auto-estima e liberdade responsável. É essencial que seu companheiro ou companheira não seja seu dependente, e sim responsável pela própria felicidade.

Querer que outra pessoa nos faça feliz e supere todas as nossas expectativas é uma ilusão que pode causar frustrações. Tampouco espere ser a razão de sua felicidade, porque seria negar sua própria capacidade de ser feliz.

A maior vantagem em não entregar o poder de tua felicidade à outra pessoa é que ela não tem a capacidade de fazer-te infeliz.

O amor começa quando amamos a nós mesmos, fazendo-nos felizes. Se não conseguimos ser felizes, ninguém poderá fazê-lo em nosso lugar.

O amor não é um porto, mas uma praia que nos convida a levantar âncoras. O primeiro passo deste caminho é amar a nós mesmos, que, aliás, não é egoísmo, pois o egoísta não se ama.

A felicidade que não nasce nem floresce primeiro dentro de nós mesmos será sempre superficial e transitória. Se não consegue que sua felicidade dependa de você, por que responsabiliza outros por isto?

Quero me amar como Jesus se amava. Respeitar-me e valorizar-me como Ele o fazia.

Amar-me é ser responsável pela minha felicidade, sem empenhá-la nem hipotecá-la a nada nem ninguém, porque, sendo feliz, poderei ajudar outros para que sejam também felizes por si mesmos.

Se minha felicidade não depende de uma pessoa, muito menos minha infelicidade.

*O amor não é um porto,
mas uma praia que me convida a levantar âncoras.*

Mais que vencedores

Vencedores e perdedores

Diante das turbulências da vida, São Paulo se pergunta e nos pergunta: “Quem nos separará do amor de Cristo? Tribulação? Angústia? Perseguição? Fome? Nudez? Perigo? Espada?”.

Então se responde e nos responde:

Tenho certeza de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potências, nem a altura, nem a profundidade, nem outra criatura qualquer será capaz de nos separar do amor de Deus, que está no Cristo Jesus, nosso Senhor. (Rm 8,35. 38-39).

...E com segurança absoluta, baseada na ressurreição de Jesus, afirma que em tudo isso somos “mais que vencedores” (Rm 8,37).

Não somente somos vencedores, mas “mais que vencedores”.

A diferença entre um vencedor e um perdedor está nas atitudes de ambos. Quem reúne as características de um vencedor consegue obter o perfil, a mente e a alma de alguém que é “mais que vencedor”.

1. Quando um ganhador comete um erro, reconhece: “Me equivoquei”.

Quando um perdedor comete um erro, se desculpa: “Não foi minha culpa”.

2. Um ganhador trabalha muito mais que o perdedor e tem mais tempo.

Um perdedor sempre está “muito ocupado” para fazer o que é necessário.

3. Um ganhador enfrenta e vence o problema.

Um perdedor enrola e nunca consegue resolvê-lo.

4. Um ganhador se compromete.

Um perdedor faz promessas.

5. Um ganhador aceita: “Sou bom, porém não tão bom como gostaria de ser”.

Um perdedor se conforma: “Não sou tão ruim como outros”.

6. Um ganhador escuta, compreende e responde.

Um perdedor somente espera uma ocasião para falar.

7. Um ganhador respeita aqueles que são seus superiores e deseja aprender com eles.

Um perdedor se opõe aos seus superiores e trata de encontrar seus defeitos.

8. Um ganhador se sente responsável por algo mais que seu trabalho.

Um perdedor sempre diz: “Faço o necessário”.

9. Um ganhador desafia: “Deve haver outra forma melhor para fazê-lo...”.

Um perdedor se conforma: “Esta é a maneira que sempre fazemos”.

10. Um ganhador busca outra estratégia.

Um perdedor afirma: “Não dá”.

A pessoa que tem as dez características de um ganhador, não só é vencedora, mas tem uma mentalidade “mais que vencedora”.

Nossa mentalidade triunfal não é simples otimismo natural ou lavagem cerebral. Fundamenta-se em Jesus, que morreu para mostrar o grau supremo do amor por nós, porém ressuscitou dentre os mortos e está vivo. A morte foi vencida.

O inimigo do homem perdeu seu aguilhão (1Cor 15,55). Portanto, tudo é possível!

O cristão não se identifica com a pessoa que carrega uma pesada cruz, mas com quem é capaz de vencer qualquer adversidade ou sofrimento pelo poder da ressurreição de Cristo Jesus, pois suas forças se renovam como as asas das águias (Is 40,31).

Cristão com fé é sinônimo de “mais que vencedor”!

Senhor Jesus, bom pastor que vai adiante das Tuas ovelhas, dá-me a disposição de ter um espírito empreendedor, para que eu tenha mente de vencedor e que cada trabalho ou missão que execute seja de qualidade.

Em Ti, Senhor Jesus, sou mais que vencedor.

Que eu saiba, Senhor, compreender e escutar para responder, e não fique simplesmente justificando aquilo que não deu resultado, ao invés de aprender na escola dos erros.

Em Ti, Senhor, sou mais que vencedor.

Que com esta mente triunfal, eu sempre queira aprender mais e mais,

buscando com criatividade diferentes caminhos e novas estratégias.

Em Ti, Senhor, sou mais que vencedor.

Amém.

*A vitória pertence
àqueles que têm mentalidade de vencedor.*

Agir segundo a própria consciência

O casal e o burro

A comunidade cristã de Corinto se contaminou com um espírito de crítica e murmuração, motivado pelos alimentos imolados aos ídolos vendidos nos mercados. Quem não consentia comprar esta carne, censurava aqueles que o fazia, porque tinham contato com uma oferta sacrificada aos demônios. Por sua vez, quem comia, pois era mais barata, se sentia superior àqueles que temiam consumi-la, porque afirmavam que estes não conseguiam entender que os ídolos não eram nada (Rm 14,1-21).

São Paulo resolve o labirinto com sabedoria:

Acolhei aquele que é fraco na fé, sem discutir opiniões. Um acredita que pode comer de tudo, outro, sendo fraco na fé, só come legumes.

O que come de tudo, não despreze o que não come; e o que não come, não condene quem come...

Logo, conclui com uma frase maravilhosa:

Aja cada um conforme a sua consciência! (Rm 14,1-4).

Havia um casal com um filho de doze anos, que tinha um burro. Decidiram viajar para conhecer o mundo, tanto os lugares como as culturas e pessoas, assim, num domingo, muito cedo, saíram de Guadalajara.

Ao passar pelo primeiro vilarejo, as pessoas comentavam balançando a cabeça:

– Olha que menino mal-educado; ele em cima do burro e os pobres pais, mais velhos, caminhando.

Para evitar a crítica negativa contra seu filho, o desceram do burro e então subiu o esposo.

– Ah, que descarado! Deixa que a criatura e a pobre mulher puxem o burro, enquanto ele vai cômodo em cima do animal.

Tomaram a decisão de que ela então subisse no burro, enquanto pai e filho puxavam a corda. Ao passar pela terceira aldeia, as pessoas diziam com

sarcasmo.

– Pobre homem, depois de trabalhar todo o dia, deve levar a mulher em cima do burro. Pobre filho, que lhe espera com essa mãe sem alma?

Conversaram e decidiram subir os três no burro, para continuar sua peregrinação. Ao chegarem no povoado seguinte, escutaram as críticas dos moradores:

– São uns estúpidos, mais estúpidos que o burro que os leva; vão quebrar a coluna do animal!

Os três resolveram descer e caminhar junto do animal. Porém, ao passar pelo povo vizinho, não podiam acreditar no unânime comentário:

– Olha esses três idiotas. Caminham, quando têm um burro que poderia levá-los...

Então, a mulher perguntou com ironia:

– Vocês acham que se carregarmos o burro, deixarão de nos criticar?

Sempre que fizermos algo, seja bom ou mal, seremos criticados pelos outros, especialmente por quem sofre com complexo de inferioridade ou baixa auto-estima.

Por isso, tratando-se de guardar a essência do Evangelho, São Paulo não cede diante dos superapóstolos, e chega a declarar que, se procurarmos agradar os homens, já não seremos de Cristo Jesus (Gl 1,10).

Porém, como não temos que ceder mediante as críticas dos invejosos, tampouco convém deixar-se seduzir pelas adulações dos mentirosos, que nos agradam com elogios desde o pináculo do templo.

O ponto de equilíbrio está em atuar de acordo com a consciência formada pelos critérios e valores do Evangelho, segundo o atrevido desafio do apóstolo: que cada um aja conforme seu ponto de vista. Sim, que cada um aja consoante sua própria consciência.

Aqueles que se esforçam em agradar os demais nunca terão êxito. O caminho começa em agradar-se a si mesmo, sabendo que está fazendo o bem ou o melhor possível. A estratégia é atuar conforme o próprio julgamento, tendo em mente que a opinião dos outros pode ser diferente da nossa.

Se estamos em paz com nossa consciência, não tem quem nos acuse, muito menos quem nos condene.

Senhor Jesus, não fazias acepção de pessoas porque vivias a verdade que nos faz livres (Jo 8,32).

Não Te rendeste diante dos poderosos nem cedeste diante do arrogante Herodes, que estava ansioso para presenciar um milagre.

Ensina-me a viver, sem ceder, diante dos caprichos ou opiniões dos demais. Só quero, Senhor, estar bem com minha própria consciência.

Assim como o Senhor não se deixou convencer quando escribas e fariseus Te censuravam, que eu também não fique paralisado diante das opiniões dos demais, mas, consciente de minhas motivações, não oscile por causa daqueles que só olham as aparências.

Que eu não dependa do que os outros pensam ou falam de mim, nem mesmo do que eu suponha que eles pensam, para continuar caminhando na viagem da vida.

Ensina-me a aceitar que não sou moedinha de ouro para agradar a todos; e que assumir as críticas e calúnias me ajudarão a manter o equilíbrio como pessoa; que eu não dependa, Senhor, das críticas e murmurações, nem busque afagos e carinhos dos bajuladores.

Amém.

Somente trate de ficar bem com sua própria consciência.

Viver o presente

Pescador mexicano

O Sermão da Montanha é um baú de jóias para se viver feliz e livre, tanto nesta vida como em outra:

Não vivais preocupados com o que comer ou beber, com vossa vida, vosso corpo, nem com o que vestir. Afinal, a vida não é mais que um alimento, e o corpo mais que a roupa?

Olhai os pássaros do céu, não semeiam, não colhem, nem guardam em celeiros. No entanto, o vosso Pai celeste os alimenta. Será que vós não valeis mais do que eles?

E por que ficar tão preocupados com a roupa? Olhai como crescem os lírios do campo. Não trabalham nem fiam. No entanto, eu vos digo, nem Salomão, em toda sua glória, jamais se vestiu como um só dentre eles.

Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje está aí e amanhã é lançada ao forno, não fará ele muito mais por vós, gente fraca de fé?

Portanto, não vivais preocupados dizendo: “Que vamos comer? Que vamos beber? Como nos vamos vestir?” Os pagãos é que vivem procurando todas essas coisas. Vosso Pai que está nos céus sabe que precisais de tudo isso.

Portanto, não vos preocupeis com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã terá sua própria preocupação (Mt 6,25-26.28-32.34).

Em uma aldeia de pescadores, na costa do México, uma pequena embarcação regressa ao meio-dia de seu trabalho diário. Um turista americano de idade avançada, que caminha com dificuldade, se aproxima daquele pescador de pele queimada pelo sol do Caribe. Depois de comprovar a qualidade do produto, o turista pergunta com ar de autoridade:

– Quanto tempo você levou para pescar essa quantidade de peixes e mariscos?

– Não muito, não muito, responde o pescador.
– Então, por que não trabalha mais tempo no mar e pesca mais? Assim poderia aumentar seus lucros.

O pescador encolhe os ombros e responde:

– Esta quantidade é suficiente para as necessidades da minha família.
– Mas, então, o que você faz com o resto do seu tempo? Está desperdiçando uma grande oportunidade...

– Brinco com meus filhos, converso com minha esposa, visito a minha mãe doente e faço uma sesta, embalado pelas ondas do mar. À noite, vou à vila ver meus amigos, tomar umas bebidas e cantar umas músicas.

O americano interrompe, movendo a cabeça:

– Eu posso dar a você o segredo para ter uma vida realmente boa. Você deve fazer o seguinte: se trabalhar umas dezesseis horas por dia na pesca, poderá vender mais peixes e ganhará muito dinheiro. Com este fundo adicional, poderá comprar um barco maior. Com o lucro, então irá adquirir um segundo e um terceiro barcos, e assim sucessivamente, até possuir uma marinha pesqueira. Em vez de vender seus peixes a um intermediário, poderá negociar diretamente com os frigoríficos e empresas de exportação e, assim, rapidamente, será dono de uma empresa multinacional. Claro, vai ter que trabalhar muito; levantar cedo e dormir tarde, não terá folga, deverá ter dois telefones celulares e terá que sacrificar sua família por um tempo.

Então, levantando a bengala em sua mão, exclamou o americano:

– Quando você estiver rico, ahhh, poderá fazer o que quiser com todo o dinheiro; como eu, que fico três dias descansando todos os anos nestas belas praias do Caribe.

– Quanto tempo levaria isso?, pergunta o mexicano, com um leviano sorriso.

– Uns vinte ou vinte cinco anos, responde o americano. Porém pode variar, se tiver algum imprevisto.

– E depois?

O magnata da economia responde calmamente:

– Aí começa a parte boa da história. Depois de tanto tempo de sacrifício, você se retira e vai viver em uma vila nas margens do mar, dorme até tarde, pesca só algumas horas, descansa ao lado de sua esposa, brinca com os netos e

passa as noites se divertindo com seus amigos...

Não busque aquilo que você não perdeu, valorize o que possui. É melhor fazer um inventário do que possui em vez de sofrer por aquilo que não conseguiu.

O presente é a única coisa que está em suas mãos. O amanhã ainda não existe. Portanto, não vale a pena preocupar-se com ele.

Senhor, ensina-me a viver e gozar meu presente, valorizando o que tenho e o que sou, para que não me deslumbre a miragem da ambição.

Que eu não espere meus filhos partirem, para desejar abraçá-los. Que não dê a meus netos o carinho e o tempo que não dei a meus filhos. Que saiba com certeza, e experimente, que valho mais que as aves do céu e os lírios do campo, sabendo que meu passado pertence à Tua misericórdia, meu futuro à Tua providência e meu presente está debaixo do Teu senhorio.

Senhor, ensina-me a viver intensamente estas vinte quatro horas, para que eu seja feliz hoje, em vez de ficar lamentando o passado ou fugir de um futuro que não existe.

Jesus, foste pescador de homens, por isso sabias que o pescador, diferentemente do agricultor que tem celeiros, vive cada momento com intensidade, pois sabe que cada dia lhe basta sua preocupação. Amém.

***Viva teu hoje, que sintetiza teu passado
e é a semente do teu futuro.***

Para sermos livres nos libertou Cristo

Elefante na estaca

Conta o evangelho de Marcos que Jesus enviou dois de seus discípulos a Betfagé para buscar um burro e poder fazer sua entrada messiânica na cidade do grande rei de Israel: Jerusalém. Porém, o burro estava atado, e precisou que alguém o desatasse.

Ide até o povoado ali na frente, e logo na entrada encontrareis amarrado um jumentinho no qual ninguém ainda montou. Desamarrai-o e trazei-o (Mc 11,2).

Para servir a Jesus, precisamos, antes de mais nada, ser desatados ou desatar-nos das amarras que nos condicionam. Ele não quer escravos nem robôs, mas amigos.

O que não serve com liberdade é um escravo.

É para a liberdade que Cristo nos libertou.

Ficai firmes e não vos deixeis amarrar de novo ao jugo da escravidão (Gl 5,1).

O circo nacional russo festejava, com grande alegria, o nascimento de seu primeiro elefantinho em cativeiro, que se tornou a atração principal. Adultos e crianças, ricos e pobres, gozavam diante do pequeno grande animal que se sentia a estrela do espetáculo.

Mas era tão travesso e inquieto que o diretor do circo mandou que o amarrassem em uma estaca com uma corda. No começo, o elefantinho tentou se libertar, puxando a corda com muita força, porém sem êxito algum. Machucou tanto a pata, que desistiu de puxar a corda.

Diante da dificuldade, parou de tentar; e assim, todas as noites, dormia amarrado à pequena estaca de madeira.

Os anos foram passando e o elefantinho foi crescendo e crescendo, até se

transformar num poderoso animal, que, no espetáculo do circo, quebrava correntes e empurrava um caminhão de carga. Porém, ao término do serviço, simplesmente voltavam a amarrá-lo na mesma corda, desgastada pelo tempo, e na mesma estaca de madeira, que foi apodrecida pela água.

Bastava que o monumental animal puxasse a corda para livrar-se dela ou simplesmente desenterrasse a estaca. Porém já estava programado para obedecer as regras de uma tradição que se havia transformado em programa de vida.

Fizeram-lhe acreditar que não podia ser livre; e o pobre elefante chegara à conclusão de que era inútil buscar a liberdade. E assim vivia preso a uma frágil corda e uma pequena estaca de madeira que eram mais fortes e poderosas em sua mente do que realmente eram.

Programaram-no, mas também ele se deixou programar, a ponto de aceitar e pensar que não poderia ser livre.

Muitos de nós são como esse elefante: vivemos no mundo atados a várias estacas que nos tiram a liberdade.

Achamos que “não podemos”, simplesmente porque uma vez tentamos e não alcançamos nosso objetivo. Gravamos em nossa mente: “Não posso... e nunca poderei”. Crescemos carregando essa mensagem imposta por nós mesmos por preconceito e paradigma herdados, e nunca mais voltamos a tentar.

Um dia alguém nos amarrou a uma estaca, porém nós mesmos permanecemos atados, acreditando que esse era nosso destino e que não havia outra alternativa. E, como desconsiderávamos nossa capacidade de libertar-nos, permanecemos aprisionados.

Cada um tem uma estaca que permanece presa; e o pior, acredita que está condenado a viver dessa maneira.

Para entrar em Jerusalém, Jesus necessitava de um burro livre, sem ataduras; por isso, envia dois de seus discípulos.

A missão dos discípulos de Jesus é libertar e desatar. Porém, antes, a Igreja deve encher-se ela mesma com o poder do Espírito Santo, proclamando que para sermos livres Cristo Jesus nos libertou.

Senhor Jesus, algumas pessoas me sujeitaram a uma estaca para moldar-me de acordo com a tradição.

Porém, infelizmente, também eu me ateí e permaneci aprisionado a essa estaca chamada pecado, aquela outra que se identifica com esse vício ou conduta desordenada. Ateí-me a paradigmas e dogmas que proclamei infalíveis, porém estes me estacionaram e estancaram o meu pensamento e minhas atitudes.

Vivo amarrado, Senhor, pela corda de uma decepção, uma experiência negativa ou complexos de culpa.

Também existem cordas de auto-suficiência e orgulho que me paralisam e não me permitem mudar. Eu condiciono também as idéias obsessivas que tentam roubar minha liberdade.

Às vezes até me sinto amarrado a pecados já perdoados que ressuscitam para acusar-me e condenar-me.

O Senhor me libertou com Teu sangue precioso há dois mil anos. Por isso, hoje eu declaro minha liberdade.

Proclamo que Cristo Jesus já me libertou e não permito ser oprimido novamente por nada nem ninguém, nem aceito submeter-me ao jugo da escravidão, por nenhuma estaca, muito menos ser eu mesmo o capataz responsável da minha escravidão.

Como o burro de Betfagé, me declaro desamarrado de todas as minhas ataduras, para levá-lo, Jesus, a cumprir a sua missão libertadora que vieste realizar neste mundo.

Eu sou testemunho do Teu poder libertador, e se o realizas em mim podes realizar em qualquer pessoa.

***Deus prefere burros desatados
que elefantes amarrados.***

O primeiro se faça servidor

Chefe ou servidor

O filho de Deus encarnou e se fez homem para nos ensinar a viver a vida humana com dimensão transcendental. Ele não veio para ser servido, mas para servir (Mc 10,45), e por isso tinha fundamento para afirmar:

Sabei que os chefes das nações as dominam como senhores absolutos, e os grandes fazem sentir seu poder. Não deverá ser assim entre vós. Quem quiser ser o maior entre vós seja aquele que vos serve, e quem quiser ser o primeiro entre vós, seja vosso escravo. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos (Mt 20,25-28).

Jesus é Senhor porque antes foi Servo de Deus, obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso, foi constituído Senhor (Fl 2,6-11), com todo o poder no céu e na terra (Mt 28,18).

Para o chefe, a autoridade é um privilégio de ordem; para o servidor, um privilégio de serviço.

O chefe se impõe: “Aqui mando eu”. O servidor: “Contem comigo”.

O chefe empurra o grupo; o servidor vai à frente, dando exemplo.

O chefe existe por causa da autoridade; o servidor pelas suas atitudes.

O chefe exige impor-se com extensos argumentos; o servidor com exemplos e testemunhos.

O chefe inspira medo; sorriem-lhe pela frente e o criticam pelas costas. O servidor inspira confiança, dá poder à sua equipe, os entusiasma e, quando está presente, fortalece o grupo.

O chefe busca o culpado quando ocorre um erro. Quem o comete, paga. Sanciona, castiga, repreende, acredita organizar o mundo com um berro ou uma violação. O servidor jamais extingue uma chama fumegante (Mt 12,20); corrige, mas compreende, não busca os defeitos por prazer, mas para reabilitar aquele que caiu.

O chefe designa os deveres, noticia o que cada um deve fazer, enquanto controla a obediência de cada um por um computador. O servidor dá o exemplo, trabalha com e como os demais, é coerente no seu pensar, falar e atuar.

O chefe faz do trabalho um peso, o servidor um privilégio. Os que têm um servidor podem cansar, mas não se fatigar, porque o servidor transmite a alegria de viver e de trabalhar.

O chefe sabe como se faz as coisas; o servidor ensina como devem ser feitas. O primeiro guarda o segredo do sucesso, o outro capacita as pessoas para alcançarem o sucesso.

O chefe administra a equipe, o servidor a prepara.

O chefe massifica as pessoas, convertendo-as em números ou fichas. O servidor conhece cada um de seus colaboradores e trata-os como pessoas, não como coisas. Respeita a personalidade, se apóia no homem concreto, o dinamiza e o impulsiona constantemente.

O chefe diz: “Vá”. O servidor: “Vamos”. O servidor promove o grupo através do trabalho em equipe, forma outros servidores, consegue um compromisso real de todos os membros, formula planos com objetivos claros e concretos, motiva, monitora e difunde o ideal de uma esperança viva e uma alegria contagiosa.

O chefe chega em cima da hora; o servidor chega adiantado e transforma pessoas ordinárias em pessoas extraordinárias. Compromete-as com uma missão que lhes permita a transcendência e a realização. Dá sentido à vida de seus seguidores, uma razão para viver... É um arquiteto humano.

O chefe se aproveita dos demais. O servidor dá sua vida pelos que ama.

Somos chamados a ser servidores, porque ser servidor não é humilhante, mas um privilégio. Ser servidor dos outros não significa ser inferior a eles, e sim motivo de inspiração, para que sejam mais livres, mais humanos e mais santos.

Dessa forma, chegamos a ser os primeiros: os primeiros a dar-nos e os primeiros a doar-nos; os primeiros a amar e os primeiros a entregar-nos, para que os demais sejam mais e melhores do que nós, porém com a semente que semeamos.

Senhor Jesus, não vieste para ser servido, mas para servir e dar Tua vida em

redenção de muitos.

Ensina-me a ser um exemplo que inspire confiança e fortaleça aqueles que necessitam de mim.

Educa-me, Senhor, para ser canal de Tua alegria e para viver de forma coerente com meu pensar, meu falar e meu atuar.

Acima de tudo, Senhor, assim como foste exemplo de serviço, que eu possa reconhecer em cada pessoa seu devido valor, respeitando sua personalidade, apoiando e ajudando em seu desenvolvimento e progresso.

Rompe em mim, Senhor, toda prepotência e autoritarismo, e que, pelo Teu exemplo, eu compreenda a dimensão transcendental do valor de servir.

Amém.

*Ser servidor não é humilhante,
mas um privilégio.*

Chagas que curam

A pérola preciosa

Quando Jesus foi levado ao patíbulo da cruz, cravaram seus pés e suas mãos.

Por essas feridas sangrou até perder a vida. Porém, quando ressuscitou dentre os mortos, primeiramente mostrou a seus discípulos suas chagas e lhes disse: A paz esteja convosco (Jo 20,19-20).

Já não jorrava sangue, mas essas mesmas chagas eram fonte de paz e de saúde para todos os homens.

Por isso, havia exclamado Isaías, o profeta messiânico: por suas chagas fomos curados (Is 53,5).

Como é possível que uma ferida se transforme em fonte de saúde e paz para nós e para os outros? A Palavra de Deus nos oferece a resposta.

As pérolas são produto de dor; resultado da dolorosa entrada de um elemento indesejável no interior da ostra, como um parasita ou um grão de areia.

Na parte interna da ostra se encontra uma substância brilhante, que começa a cobrir este corpo estranho com camadas e mais camadas de nácar para proteger a ostra. Como resultado, com os anos, forma-se uma fina pérola.

Uma ostra que não foi machucada é incapaz de produzir pérolas, porque a pérola é uma ferida transformada.

Quando se é ferido pela indiferença ou pela traição, surpreendido pela infidelidade ou pelo abandono; quando se sofre uma doença ou depressão, existem três opções:

- Vingar-se, pagando na mesma moeda: olho por olho, dente por dente.
- Reprimir-se, criando uma teia de ressentimentos que amarguram e aprisionam sua existência.
- Produzir uma pérola com o nácar do amor e do perdão.

A morte e ressurreição de Jesus nos tornam capazes de transformar nossas feridas em fonte de paz e reconciliação. Será por isso então que, quando Jesus falava do Reino dos Céus, fez referência a uma pérola preciosa? (Mt 13,45). Qual pedra mais preciosa e querida senão a ferida que se transformou em pérola?

Pessoas vão nos ferir algumas vezes voluntária ou involuntariamente, mas podemos ser os artífices de uma pérola preciosa. Os que desejam nosso mal e sofrimento nos oferecem a oportunidade de uma bela pérola com fino oriente germinar.

Assim como as feridas são oportunidades para produzir pérolas de perdão, as pérolas da vida foram produzidas por uma ferida que soube cobrir-se com o nácar do perdão.

Obrigado, Senhor Jesus, porque os pregos e lanças que perfuraram Tuas mãos e cada uma das partes do Teu corpo como sinais de vingança e injustiça de Teus inimigos, Tu soubeste transformá-los em fontes de paz e salvação para todos nós.

Obrigado, porque pelas Tuas chagas fomos curados, mas também somos curados, quando através do perdão e da compreensão, transformamos as feridas que os demais nos causaram numa pérola preciosa.

Amém.

*Não podes impedir que os demais te magoem, mas tens a
capacidade de cobrir essa ferida
com nácar, para produzir uma pérola.*

Tesouro escondido

Vende-se terreno

O Reino dos Céus é como um tesouro escondido num campo. Alguém o encontra, deixa-o lá bem escondido e, cheio de alegria, vai vender todos os seus bens e compra aquele campo (Mt 13,44).

Eu não saberia afirmar se o protagonista desta história é um homem de sorte que encontrou o tesouro, ou um estúpido que vendeu o campo, desconhecendo a presença do tesouro.

Talvez devêssemos focalizar mais os holofotes no vendedor que não soube avaliar o que tinha e, acreditando que fazia um grande negócio, perdeu a melhor das oportunidades de sua vida.

O grave é que, se desprezamos o tesouro que temos, nos arriscamos a colocar uma grande placa que diz: VENDE-SE ESTE CAMPO.

Por outro lado, Jesus nos convida a investir quando não existem riscos de perder ou que sejamos roubados (Mt 6,19).

O dono de uma pitoresca casa de férias no pé das montanhas dos Pirineus se encontrou um dia com um amigo poeta, e lhe disse com tristeza:

– Estou precisando vender minha casa, que você conhece tão bem, porém até agora não consegui. Poderia redigir o texto para fazer uma boa propaganda?

O poeta tomou lápis e papel e escreveu: “Vende-se encantadora casa de madeira no bosque, onde cantam os pássaros ao amanhecer nas extensas alamedas, alegres pela música das geladas e transparentes águas que descem da neve das montanhas. A casa cheira madeira e tem uma chaminé”.

Algumas semanas mais tarde, o poeta se encontrou com o comerciante e lhe perguntou se já havia vendido a casa. O homem respondeu com profundo agradecimento:

– Depois que li a sua descrição, percebi a maravilha que possuía e desisti de vendê-la.

O dia em que valorizarmos a família, a amizade ou a paz interior, não

iremos vendê-las por nenhum preço.

Quando apreciarmos a virgindade ou a fidelidade matrimonial, não iremos arriscá-las por motivo algum.

Se valorizamos o tempo e a eternidade, não vamos expô-los, nem ao menos perdê-los.

Há pessoas que não descobrem nem valoriza sua dignidade humana, e por isso a desperdiçam. Outros não avaliam a riqueza da natureza, não a respeitam nem cuidam dela.

Oxalá, não tenhamos que perder o tesouro para valorizar o que temos.

Quantas vezes, Senhor, precisei perder algo para valorizá-lo.

Até mesmo algumas vezes tenho colocado uma placa dizendo “VENDE-SE” e exposto o mais valioso, que não tem preço em minha vida: minha família, minha saúde, meu sentido de transcendência e felicidade.

Senhor, o mundo de hoje está vendendo o tesouro da natureza ao superaquecer o planeta. Pensa estar fazendo um grande negócio com o desenvolvimento tecnológico, mas está sacrificando a harmonia do sistema ecológico.

Quero ter olhos para descobrir e valorizar o tesouro que tenho em minhas mãos, para não vendê-lo e arriscá-lo desnecessariamente.

De maneira especial, quero valorizar o tesouro da glória que está me esperando na outra vida.

Amém.

Não vendas teu campo, se não sabes o tesouro que está guardado nele.

Sacudir o pó dos pés

Burro no poço

Jesus nos deu um conselho muito sábio para quando achássemos oposição ou rechaço quanto ao que somos e fazemos: sacudam a poeira dos vossos pés (Mt 10,14).

Claro que não se trata de um ato de recriminar nossos inimigos, nem depreciá-los, mas impedir que nos prejudiquem. Não significa carregar o problema, senão desfazer-se dele, tanto mental como espiritualmente, independente de sermos compreendidos. Não se trata de rebelar-se contra quem nos rechaça, porém aproveitar seus ataques para libertar-se dos lastros que nos impedem de caminhar, para ser livres, com a gloriosa liberdade dos filhos de Deus (Rm 8,21).

Sacudir o pó das sandálias implica aproveitar as ofensas, desprezos e indiferença dos demais para aprender lições na vida, convertendo os obstáculos em degraus.

Um dia, o asno de uma aldeia caiu em um poço.

O animal chorou amargamente, enquanto o camponês planejava mil formas de resgatá-lo, até desistir, e se consolou pensando: o burro já está velho, o poço secou e necessito fechá-lo de qualquer forma. Portanto, não vale a pena tentar tirar este asno do poço.

Convidou seus vizinhos para que viessem e o ajudassem. Cada um pegou uma pá e começaram, todos juntos, a atirar terra no poço.

O burro se deu conta de que estava a ponto de ser enterrado vivo e começou a relinchar, despedindo-se deste mundo cruel.

Logo, para a surpresa de todos, se aquietou.

O camponês o assistia no fundo do poço e se surpreendeu com o que viu: o jumento sacudia a terra que caía em seu lombo e dava um passo em cima dela.

Muito rápido, o animal chegou até a boca do poço, passou por cima do beiral e saiu trotando.

Tudo serve para o bem dos que amam a Deus (Rm 8,28), até mesmo a

terra arremessada para sepultar-nos vivos. Se, ao invés de deixar-nos abater pelas críticas, invejas e opiniões negativas nos sacudirmos, saímos mais fortificados e com boa auto-estima, porque superamos as adversidades com sabedoria, para ajudar os outros a vencer os mesmos problemas, pois nós já passamos por esse mar Vermelho.

Sacode o pó do desprezo e da indiferença. Não se deprima quando te quiserem enterrar vivo. Não carregue o peso do rancor e do ressentimento contra os que te traem ou magoam, tratando de se sepultar.

Até os mais próximos podem atirar terra, porém você tem a possibilidade de sacudi-la, para transformá-la num apoio para sair do poço.

Se nossa felicidade independe de nossos amigos, muito menos nossa infelicidade pode estar nas mãos de nossos inimigos. Nunca entregue a ninguém este poder.

Jesus soube sacudir o pó:

- Quando não foi aceito em Nazaré ou Cafarnaum, Ele seguiu adiante na missão que o Pai lhe havia encarregado (Lc 4,16-24).
- Quando não era aceito pelos sábios e letrados deste mundo, e as autoridades religiosas o queriam matar, Ele tirou a terra de cima, dizendo: Eu te bendigo, Pai... (Lc 10,38-42).
- Quando Seu melhor amigo o nega três vezes, Jesus reza por Simão, para que saia mais fortalecido desta prova e seja capaz de sustentar seus irmãos na fé (Lc 22,31-32).
- Especialmente sacudiu a terra do sepulcro para sair vitorioso depois de três dias (1Cor 15,3-4).

Senhor Jesus, passaste três dias e três noites dentro do poço do sepulcro do Teu amigo José de Arimatéia, porém sacudiste a terra da morte que pesava sobre Ti e voltaste à vida, para dar-nos a esperança de que depois da morte sempre acontece a ressurreição.

Ajuda-me toda vez que as pessoas atirarem terra para enterrar-me vivo, querendo sepultar meus sonhos e ilusões, que eu saiba que só estão me aproximando do dia da ressurreição definitiva.

Venceste a morte e isso me anima para que eu também possa sair vitorioso do sepulcro.

Se ressuscitaste, Senhor Jesus, tudo é possível, e também eu posso sair

vitorioso de qualquer poço.

*Sacode a terra para que se transforme em
apoio para sair do poço.*

Somos servos inúteis

Carta a Deus

Jesus nos ensinou um princípio de vida valioso, já que nos faz livres da opinião dos demais e nos conduz à liberdade interior.

Muitas vezes esperamos ser valorizados pelo bem que fazemos; porém em outras deixamos de fazer o bem pela falta de reconhecimento. É quando Jesus nos convida a aceitar com simplicidade: somos simples servos, fizemos o que devíamos fazer (Lc 17,10).

Martin trabalhava no escritório do correio número 23 de Manágua, Nicarágua, e seu trabalho era processar as cartas que tinham o endereço ilegível.

Um dia, chegou a suas mãos uma carta com escrita tremida, dirigida a Deus; sim, a Deus mesmo, porém não tinha endereço algum. Como essa correspondência não chegaria a lugar nenhum, Martin decidiu abri-la para ver do que se tratava.

Querido Deus, sou uma viúva de 84 anos que vive de uma pequena pensão. Ontem, alguém roubou minha bolsa que continha todo dinheiro do mês, e agora vou ter que esperar até o ano novo.

O próximo domingo é Natal e havia convidado duas amigas minhas para celebrar meu aniversário, que pressinto ser o último nesta terra, de qualquer forma, me consola que o próximo o celebrarei contigo na glória. Porém, sem dinheiro, não poderei oferecer-lhes nada. Minha dispensa está vazia, sem alimentos. Tu és o único que tenho, minha única esperança. Sei que nestas datas tens muitas obrigações, porém poderias me ajudar de acordo com Tuas possibilidades?

Com votos sinceros, Natália.

Foi tal o impacto causado pela carta, que Martin decidiu mostrá-la a seus amigos de trabalho. Todos ficaram emocionalmente tocados pela simplicidade e confiança da anciã e começaram a pegar dinheiro em suas bolsas e carteiras.

Ao final da tarde, haviam conseguido reunir 680 reais para enviá-los à Natália.

Martin, com um gesto de generosidade além de suas possibilidades, colocou mais duzentos reais, somando 880 valiosos reais.

Todos os empregados-cooperadores experimentaram uma sensação de satisfação que talvez não haviam sentido há muito tempo, presenteando, desinteressadamente, uma alegria à Natália e às suas amigas. Além disso, foi realizado de forma tão discreta, que nunca ninguém perceberia o nobre coração dos empregados do correio.

O Natal veio e se foi. Alguns dias depois, chegou ao escritório do correio outra carta de Natália. Reconheceram-na imediatamente pela escrita e por se dirigir a Deus em pessoa. Abriram-na e todos, com curiosidade, escutaram o que Martin lia:

Querido Deus, com lágrimas em meus olhos e com profundo agradecimento de coração te escrevo estas linhas para dizer-te que minhas amigas e eu passamos um dos melhores natais de nossas vidas, graças ao teu maravilhoso presente. Claro que faltavam 120 reais. Talvez era tudo o que tinhas, porém eu suspeito que os empregados do correio roubaram, já que são uns ladrões e sempre fazem isso.

Todos os dias nos é dada uma oportunidade de colaborar, para mostrar a fidelidade e a generosidade de Deus. Infelizmente, fazemos com que nossas tarefas dependam da resposta e da opinião dos demais.

Se você fosse Martin, faria uma nova coleta para completar os 120 reais que faltaram?

- Se o fizesse, restabeleceria o prestígio de Deus, que ficou em dúvida.
- Se o fizesse, mudaria a imagem dos empregados do correio.
- Se o fizesse, faria feliz uma velhinha em seu último ano de vida.
- Se o fizesse, sua mão direita não saberia o que faz a mão esquerda; e teu Pai, que vê em segredo, o recompensaria (Mt 6,4).
- Se o fizesse, não dependeria dos outros para fazer o bem.

Senhor, em algumas ocasiões, buscando o bem-estar dos outros, fui mal interpretado, e, por isso, desisti de continuar.

O pior, Senhor, não foi o que eles pensaram de mim, nem o que eu senti

com suas críticas; senão que me paralisei e deixei de fazer o bem.

Hoje, Te dou graças pelo Teu exemplo de amor incondicional, que amaste sem estar limitado pela resposta dos outros.

Se a ferida de ser mal interpretado foi maior que minha alegria de fazer o bem, é que no fundo agia com outras intenções e esperava algum tipo de recompensa.

*A pessoa livre não depende da opinião
ou do reconhecimento dos outros
para fazer o que deve fazer.*

Céu e inferno

Convidados com grandes colheres

O céu e o inferno começam nesta vida e desde agora podemos ter idéia do que será a eternidade.

A vida eterna começa agora, pois nesta terra vivemos as primícias do que nos espera na outra vida.

A felicidade ou infelicidade que viveremos por toda a eternidade começa a ser vivida neste mundo.

No Juízo Final, Jesus afirma que quem der comida ao faminto irá para o céu; enquanto quem ignorar o necessitado sofrerá um terrível castigo eterno:

Vinde, benditos de meu Pai!... pois eu estava com fome e me destes de comer...

Afastai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno,

Pois eu estava com fome e não me destes de comer (Mt 25,34-35.41-42).

Um solitário asceta, que fazia penitência no deserto, teve a oportunidade de fazer uma viagem para olhar brevemente como era o céu e o inferno.

Para sua surpresa, se pareciam muito, pois, tanto no céu como no inferno, as pessoas estavam sentadas ao redor de uma panela com um guisado delicioso que exalava um delicioso cheiro. Em ambas as partes, cada pessoa tinha atada à sua mão direita uma colher de sopa com um imenso cabo.

Entretanto, ainda que se parecessem muito, havia uma diferença fundamental:

- No inferno, cada indivíduo só pensava em si mesmo e tratava desesperadamente de alimentar-se. Porém, isso era impossível com um cabo tão grande; assim, sua fome se transformava em angústia. Por isso estavam tristes, amargados e frustrados, pois não podiam degustar de tão delicioso manjar.
- No céu, ao contrário, cada um dava de comer a outra pessoa com sua

grande colher de sopa. O resultado era felicidade, alegria e até bom humor, pois provavam e compartilhavam o saboroso alimento.

A grande diferença entre o céu e o inferno, seja nesta ou noutra vida, é que, no primeiro, cada um só pensa em si mesmo e quer a panela de carne só para si. Ao contrário, no céu, compartilham e vivem a alegria de dar, que frutifica em receber também dos demais.

Quando o eremita solitário regressou de sua viagem à vida eterna, abandonou o deserto e foi para um hospital atender aos doentes.

Todos temos recebido uma colher de sopa que poderá ser utilizada para nosso próprio benefício, ignorando os demais, mas também para compartilhar com eles. Dependerá de nós. Começamos a viver o céu e o inferno nesta vida.

Se todas as mãos dessem um pouco de pão, não haveria mãos pedindo pão.

Nesta parábola, não sugerimos oração alguma, porque o importante é reconhecer o que temos feito com a grande colher de sopa que temos em mãos. Portanto, não se trata de oração, mas de ação.

No juízo final, não nos perguntarão quanto tempo de oração fazíamos, mas se ajudávamos os necessitados.

Começamos a viver o céu e o inferno nesta terra.

Corpo, alma e espírito

Deus nos quer totalmente curados

Quando Pedro e João subiam ao templo naquela tarde, um paralítico lhes pediu esmola. Pedro respondeu que não tinha ouro e prata, porém oferecia o que tinha e o levantou de sua prostração (At 3,1-10).

Entretanto, a Palavra afirma que a cura não se resume na sua recuperação física, mas que foi “curado totalmente” (At 4,16). Ou seja, foi uma cura integral que implicava não só o corpo, senão também a alma abatida e o espírito que sofria as conseqüências de sua enfermidade física.

O ser humano é composto de corpo, alma e espírito (1Ts 5,23). A obra salvífica de Jesus não se reduz a curar corpos, mas curar e liberar completamente a pessoa de qualquer complexo, trauma ou enfermidade.

Jesus nos oferece medicina preventiva para não ficarmos doentes. Se vivermos de acordo com os princípios evangélicos, evitaremos não só as enfermidades, porém até mesmo a morte eterna: e todo aquele que vive e crê em mim, não morrerá jamais (Jo 11, 26).

O corpo repercute na alma e o espírito abatido adocece o corpo: ânimo alegre faz florescer a saúde; o espírito abatido seca os ossos (Pr 17, 22).

Se não quer adoecer, expresse seus sentimentos.

Emoções e sentimentos reprimidos terminam em gastrites, úlceras, dores lombares ou lesões na coluna. A repressão dos sentimentos afeta o aparelho digestivo. Se expressarmos nossos sentimentos, teremos um corpo mais saudável.

Se não quer adoecer, tenha amigos.

A solidão amarga a alma e seca os ossos, produzindo pessimismo e depressões. Se não quiser adoecer, tenha amigos com quem compartilhar sua intimidade, segredos e até seus erros. Por isso, o período que menos as pessoas adoecem é durante a lua-de-mel.

Se não quer adoecer, tome decisões.

A pessoa indecisa permanece na ansiedade e na angústia. A indecisão acumula preocupações que terminam em agressões, especialmente com os mais próximos. A história humana está tecida de decisões. Para decidir, é preciso aceitar conscientemente perder vantagens para ganhar outras mais transcendentais. As pessoas indecisas vivem na fronteira da angústia. Quem quer servir a dois senhores, termina sem servir nenhum (Mt 6,24).

Se não quer adoecer, busque soluções ao invés de afligir-se com os problemas.

A lamentação, a murmuração e o pessimismo só aumentam os problemas. O melhor é acender um fósforo do que se lamentar da escuridão. O pensamento negativo gera energia negativa que se somatiza a enfermidades físicas e mentais.

Se não quer adoecer, não se engane nem engane os demais com as aparências.

Quem esconde a verdade, finge ou mente, quer mostrar-se perfeito e acumula toneladas de peso. É uma estátua de bronze com pés de barro. Viver de fachadas é um vírus que nos adoce em todos os sentidos. Quem se disfarça com máscaras, geralmente esconde seu próprio ser. Nada pior para a saúde mental que consentir com a mentira, o engano ou a infelicidade.

Existem pessoas que se colocam uma auréola artificial de perfeccionismo, enquanto que outras presumem a palma do martírio; outras preferem o chapéu do sábio ou o cetro do poderoso. Ao final, interpretam tão bem seu papel no cenário da vida que terminam com muito verniz e pouca raiz. Seu destino é a farmácia, o hospital e a dor, já que podem enganar os outros, mas não seu corpo.

Se não quer adoecer, se aceite e anime a si mesmo.

Ser você mesmo é o núcleo de uma vida saudável. Porém, a rejeição de si mesmo e a baixa auto-estima faz com que nos tornemos inimigos de nós mesmos. Aqueles que não se aceitam são invejosos, ciumentos, competitivos e destrutivos. Aceitar-se, aceitar ser aceito ou aceitar as críticas, é sabedoria e terapia.

Se não quer adoecer, confie.

Quem não confia não se comunica, nem cria relações estáveis e profundas. Vive fechado como uma ostra, porém sem nenhuma pérola de amizade em seu coração. Existe outra doença mais triste que esta?

Se não quer adoecer, não viva triste.

O bom humor, o sorriso e a alegria recuperam a saúde e constroem uma vida longa. A pessoa feliz tem o dom de alegrar o ambiente em que vive. “O bom humor nos salva das mãos do doutor”. A alegria é saúde e terapia. Sinal de saúde mental é o sentido do humor, até para rirmos de nós mesmos e não levarmos tudo tão a sério, pois não somos perfeitos nem salvadores do mundo.

Somos um conjunto de três dimensões: o corpo, a alma e o espírito, em que o sofrimento numa área infecta e contamina as outras duas.

A enfermidade física em geral é a somatização de um problema ou um desajuste interior. Se somente queremos cancelar os sintomas de nossas enfermidades, estes só saltarão de um lugar para outro. Enquanto não se atingir a raiz de nossos problemas, eles continuarão a se manifestar, seja de uma forma ou de outra. Somos uma alma encarnada e um corpo animado, unidos ambos pelo Espírito.

O corpo influi no espírito, e a alma se manifesta no corpo. Neste sentido, o melhor médico para cuidar de uma saúde integral somos nós mesmos: integra de forma harmoniosa as três dimensões.

Senhor Jesus, Tu desfrutavas de uma maravilhosa liberdade para manifestar o que havia dentro do Teu coração, Tua mente e Teus sentimentos, porque tinhas integrado de forma harmoniosa estes aspectos da vida humana.

Revela-me o segredo de uma saúde física em uma alma livre e feliz, em harmonia e complementação com meu interior, meu exterior, meus sentimentos e meus pensamentos, minha auto-estima, meu relacionamento com os demais, até com a criação.

Jesus, sabias expressar tanto tristezas como alegrias quando dizias que alma estava triste até a morte ou quando Te enchias de gozo no Espírito (Mt 26,38; Lc 10,21). Por isso, abre-me para que eu aprenda a manifestar o que existe em meu interior, sem máscaras.

Jesus, que decidiste subir a Jerusalém, apesar dos sinais não serem positivos, e até Teu amigo Pedro quis impedi-lo, revela-me a importância de tomar decisões, assumindo as consequências das mesmas.

Dá-me a serenidade e a dignidade que mostraste quando um beijo escondia uma traição.

Enfim, revela-me, como Médico dos médicos, o segredo de uma vida

harmoniosa em todas as áreas da vida humana, para que eu seja feliz por dentro e por fora.

Amém.

*Deus nos quer curados
de corpo, alma e espírito.*

Ser testemunhas

Empurrar a pedra

Quando Jesus ressuscitado envia seus discípulos para evangelizar, lhes diz com clareza: ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda criatura (Mc 16,20).

Não pede que vá e convertam, mas que simplesmente vão e anunciem, como testemunhas do que têm visto e ouvido.

Mas recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós, para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda Judéia e Samaria, e até os confins da terra (At 1,8).

Nossa responsabilidade se resume em sermos testemunhas, porque só o Espírito Santo é quem converte os corações: o Senhor abriu o coração dela [de Lúcia] para que aceitasse as palavras de Paulo (At 16,14b).

Paulo pregava em Filipos, porém foi o Senhor Deus quem abriu o coração de Lúcia, a vendedora de púrpura, para que se constituísse a ponte para a conversão de uma família, uma cidade, um país e, mais tarde, um continente.

Por isso, o apóstolo conclui de forma magistral: eu plantei, Apolo regou, mas era Deus que fazia crescer (1Cor 3,6).

A nós, os evangelizadores, não nos corresponde converter as pessoas, pois somente o Espírito Santo toca os corações. A nós só compete ser testemunhas do anúncio da morte de Jesus e proclamarmos sua ressurreição.

Eugênio, camponês da montanha, vivia deprimido porque suas colheitas não satisfaziam as necessidades de sua família, nem enchiam os sonhos de seu coração.

Em uma noite, enquanto dormia, seu quarto se iluminou. O Senhor Deus o chamou por seu nome duas vezes e lhe disse que tinha uma tarefa para ele. Mostrou-lhe uma grande pedra em frente à sua cabana. Explicou-lhe que devia empurrar a pedra com todas as suas forças.

Eugênio obedeceu à ordem do Senhor. Dia após dia, semana após semana e

por muitos anos, desde o nascer do sol até o fim do dia, empurrava a fria pedra, porém esta não se movia.

Cada noite regressava à sua cabana muito cansado e frustrado. Satanás entrou então em cena, tentando convencê-lo de que seu trabalho era em vão e não tinha sentido:

– Tens estado empurrando essa rocha por muito tempo, e não se moveu nada. É um inútil. Um fracassado.

Estes pensamentos aumentaram sua decepção. Satanás, com um sorriso irônico, acrescentou:

– Nem insista nem se esforce. Não tem nada mais deprimente que não ter resultados do que se faz. Por que então você se esforça o dia todo nesta inútil tarefa?

Eugênio escutava exatamente o que muitas vezes havia pensado, porém, antes de renunciar sua tarefa, decidiu reclamar a Deus:

– Quero renunciar esta tarefa que não dá resultados. É um absurdo e até deprimente estar tentando uma missão impossível. Por mais esforço que faço, não consigo mover a pedra nem um milímetro.

O Senhor lhe respondeu com compaixão:

– Querido Eugênio, eu disse que tua tarefa era empurrar a pedra com todas as tuas forças, e o tens feito com perseverança. Eu não esperava que a movesse. Tua tarefa era empurrar, só empurrar. Não tens fracassado. Olha agora teus braços, estão musculosos; tuas costas estão fortes; tuas mãos robustas pela constante pressão, tuas pernas estão firmes. Apesar das adversidades, aumentaram as tuas possibilidades para encarar outros desafios. Este exercício era só o campo de treinamento para que pudesse enfrentar com persistência outros desafios. Meu plano não era que movesse a pedra, mas que se transformasse e fortalecesse e não se desapontasse quando não visse os resultados que esperava.

Em muitas ocasiões, Deus nos pede para “empurrar a pedra” com todas as nossas forças, sem abrir mão. Não porque espera que a movamos, mas para fortalecer nossa vontade, reforçar nosso caráter e aumentar a confiança em nós mesmos.

Quando as mulheres vão, naquela manhã, ao sepulcro de Jesus, lembram que a pedra que o cobria era muito grande. Porém, a elas não cabe movê-la,

apenas continuar caminhando (Mc 16,1-4).

Jesus disse a todos nós:

Quando tudo parecer ir mal ou estiver consumido pelo trabalho... Só empurra!

Quando as pessoas não se comportarem da maneira como você gostaria... Só empurra!

Quando os amigos te traírem... Só empurra!

Quando não tiver dinheiro para pagar tuas contas... Só empurra!

Quando se sentir cansado e sem forças... e parecer que Eu não vejo seus esforços... Só empurra!

Quando for tentado para o desânimo, porque não vêς fruto nenhum de seu trabalho... Só empurra!

Quando a pedra de teus problemas não se moverem um só milímetro e a pedra de sepulcro, que representa todo tipo de morte, for muito grande... Só empurra!

*Assim como é incapaz de realizar
o papel de Deus, tão pouco Deus supre
o que corresponde a tu fazer.*

Vence o mal fazendo o bem

Mesmo assim...

Geralmente reagimos de acordo com o estímulo que recebemos. Já temos o piloto automático ativado para atuar olho por olho e dente por dente (Mt 5,38). Porém Jesus nos convida a romper esse circuito vicioso e mortal:

Não ofereçais resistência ao malvado! Pelo contrário, se alguém bater na tua face direita, oferece-lhe também a esquerda! Se alguém quiser abrir um processo para tomar a tua túnica, dá-lhe também o manto! Se alguém te forçar a acompanhá-lo por um quilômetro, caminha dois com ele (Mt 5,39-40).

São Paulo sintetiza de forma genial: vence o mal pelo bem (Rm 12,21).

Quando o Evangelho nos propõe dar a outra face, de nenhuma maneira quer converter-nos em vítimas permanentes, visto que só temos duas bochechas, mas simplesmente que saibamos romper com o círculo mortal da violência.

Se as pessoas são irracionais, mentirosas e imprudentes, perdoe-as mesmo assim.

Se for bondoso, lhe acusarão de ter intenções egoístas, seja bondoso mesmo assim.

Se tiver êxito, ganhará falsos amigos e inimigos verdadeiros, tem êxito mesmo assim.

Se for franco e sincero, as pessoas podem lhe enganar, seja franco e sincero mesmo assim.

Se o que lhe custa anos construir, alguém poderá destruí-lo numa noite, constrói mesmo assim.

Se encontrar a felicidade, poderão lhe invejar, seja feliz mesmo assim.

O bem que faz hoje muitos esquecerão amanhã, faz o bem mesmo assim.

Dá ao mundo o melhor que tem, e talvez nunca seja suficiente, dá o melhor que tem mesmo assim.

Nós cremos que a vida é mais forte que a morte, porque um homem ressuscitou a dois mil anos, e por isso acreditamos que a única forma de escapar do redemoinho da maldade é fazer o bem, porque Jesus morreu pelos pecadores.

Cremos no Reino de justiça, gozo e paz, porque Cristo Jesus está vivo e compartilha sua vida de ressuscitado, por isso estamos seguros de que o bem triunfa sobre o mal, porque Jesus está vivo para nunca mais morrer.

Ainda que a pomba da paz seja degolada, e os cemitérios transbordem de mortos, mesmos assim nós cremos no Evangelho da vida, e cremos que um dia o joio será amarrado e queimado no fogo para assar o pão dos filhos do Reino.

Espírito Santo, convence-me de que apesar de eu não ver a instauração da justiça neste mundo, mesmo assim acredite na força do perdão e da não-violência.

Quero ser livre, Senhor, dos condicionamentos e das respostas dos outros quando tento fazer o bem. Por isso, repito com Francisco de Assis:

Faz-me um instrumento de Tua paz:

Onde houver ódio, que eu leve o amor.

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.

Onde houver discórdia, que eu leve a união.

Onde houver dúvida, que eu leve a fé.

Onde houver erro, que eu leve a verdade.

Onde houver desespero, que eu leve a esperança.

Onde houver tristeza, que eu leve alegria.

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Mestre, faça que eu procure mais; consolar do que ser consolado, compreender do que ser compreendido, amar do que ser amado. Porque é dando que se recebe, é perdoando que se é perdoado, e é morrendo que voltamos a nascer.

A boa semente sempre dá bons frutos.

Lutar com as próprias armas

Violinista Paganini

Quando o jovem Davi se dispunha a brigar com o gigante Golias, o rei Saul emprestou sua armadura de aço, seu escudo e sua espada, porém o pastor de Belém não podia nem caminhar com tanto peso (1Sm 17,38-39). Teve que renunciar às armas reais e brigar com sua funda e cinco pedras de arroio. David não derrotou Golias com as armas do rei Saul, mas com as suas próprias.

Deus também ordena ao juiz Gedeão, que se sente incapaz de enfrentar uma batalha contra os madianitas: vai e, com essa força que tens, livra Israel das mãos dos madianitas (Jz 6,14).

Vamos enfrentar a batalha com toda nossa força, mas só com a força que temos. Ali está o segredo de nossa vitória.

Moisés, por sua parte, estava acostumado a apascentar o rebanho de seu sogro Jetro e vivia na rotina e na melancolia. Até que um dia se atreveu a dar um passo ao fascinante mundo do desconhecido e foi “para além do deserto”, para encontrar um novo sentido à sua existência (Ex 3,1).

Era uma vez um grande músico chamado Nicolo Paganini, nascido em Gênova, Itália, em fins do século XVIII, que foi considerado o melhor violinista de todos os tempos.

Alguns pensavam que ele era mago, outros diziam que era muito estranho; e não faltavam aqueles que suspeitavam de que possuía qualidades sobrenaturais.

As fascinantes notas que saíam de seu violino tinham um som cativante que hipnotizava o auditório. Por isso, ninguém queria perder a oportunidade de presenciar seu espetáculo.

Certa noite, o palco da Scala de Milán estava repleto de admiradores, sedentos para escutá-lo. A orquestra entrou no cenário e foi aplaudida. O diretor foi aclamado. Mas, quando a figura de Paganini apareceu no palco, o público delirou de entusiasmo.

Paganini colocou seu violino no ombro e o que se escutou foi indescritível:

tons graves que se misturavam com finos agudos. Fusas e semifusas, colcheias e semicolcheias pareciam ter asas e voar ao contato de seus dedos encantados.

De repente, um ruído estranho surpreendeu a todos. Uma das cordas do violino de Paganini havia se rompido. O diretor marcou um alto, a orquestra parou, o público ficou aflito, porém Paganini continuou tocando e arrancando sons deliciosos de um violino com problemas. O diretor e a orquestra, elevados, reiniciaram o acompanhamento.

Pouco depois, a segunda corda do violino de Paganini se rompeu. O maestro parou novamente e a orquestra se deteve. Como se nada tivesse acontecido, Paganini esqueceu as dificuldades e continuou criando sons do impossível. O diretor e a orquestra, impressionados, voltaram a tocar.

Pela sobrecarga do esforço, uma terceira corda do violino de Paganini se rompeu. O professor se paralisou, a orquestra se deteve, a respiração do público se conteve, porém Paganini continuou produzindo melodiosas notas.

Como um mago, cria uma belíssima melodia da única corda que sobrava no seu violino. O diretor se animou e a orquestra se motivou. O público passou do mudo silêncio à euforia. Paganini alcançou a glória.

O nome Paganini corre através dos tempos como o símbolo do profissional que continua a caminhar diante do impossível.

No concerto da vida, se rompem as cordas de nosso violino quando se deteriora a saúde, quando perdemos de repente pessoas queridas, quando um amigo nos trai e outras mil formas imprevistas. De qualquer maneira, o músico deve continuar tocando, inspirado na criatividade e na perseverança.

Mesmo que as cordas se rompam, seguiremos sem nos deter e florescerão qualidades ocultas que nem nós sabíamos que existiam em nosso interior. Então, os outros se emocionam e se motivam, porque percebem que, se alguém pode tocar seu instrumento musical em meio às dificuldades, eles também acreditam que podem fazê-lo.

Quando estiver desanimado, nunca desista, pois ainda existe a corda da constância para tentar uma vez mais, dando um passo “mais além” com um enfoque novo. Enquanto tiver a corda da perseverança ou da criatividade, pode continuar a caminhar, encontrando soluções inesperadas.

Desperta o Paganini que há dentro de você e avança para vencer. Vitória é a arte de continuar onde os outros se dão por vencidos. Quando tudo parece

desmoronar, se brinde com uma oportunidade e avance sem parar. Toca a mágica corda da motivação e tire sons virgens que ninguém conhece.

Senhor Jesus, muitas vezes me tens dito que tudo é possível ao que crê e que não devo esperar ter a força de Sansão para libertar o meu povo nem a mim mesmo.

Hoje, Senhor, fala-me com essa voz que penetra em todas as células da minha pele, e repete para mim o que disseste a Gedeão: “Luta com a força que tens, não com outra, nem mais nem menos que essa que tens.”

Sei que nesta vida tenho de tocar o violino com as cordas que tenho; ou seja, produzir sinfonia de felicidade com os carismas que possuo, com o salário e tempo que tenho. Não é necessário ter a estatura de Saul para ser rei de Israel, quando, como sou, posso reger meu mundo interior.

Toca teu violino com as cordas que tens.

Fermento transformador

Fermentando a massa

Jesus compara o Reino de Deus, ou seja, o plano divino sobre nós, de forma muito familiar: o Reino dos Céus é como fermento pego por uma mulher que escondeu-o em três porções de farinha, até que tudo ficasse fermentado (Mt 13,33).

No desígnio divino, achamos o fermento do bem e da verdade, da justiça e da paz que, de maneira discreta mas eficaz, é capaz de transformar nosso mundo e nosso ambiente. O bem trabalha de forma invisível, porém efetiva.

Entretanto, também existe o fermento dos fariseus – a hipocrisia – que, como lobos, se vestem com pele de ovelha. Jesus nos previne para cuidar deste tipo de fermento.

Conclusão, somos fermento para o bem ou para o mal. Tudo que fazemos repercute em nosso ambiente, em nossa sociedade e até na criação.

No último dia de aula, antes do Natal, vi um companheiro de sala caminhando de volta para sua casa. Chamava-se Carlos e usava óculos grossos. Carregava tantos livros que pensei: “Por que está levando para casa todos os livros justamente quando começam as férias? Deve ser um ‘escravo dos estudos’ que se aborrece muito”.

Meu plano no fim de semana era ir a festas e a uma partida de futebol com meus amigos, então encolhi meus ombros e segui meu caminho. Naquele momento, uns rapazes trombaram com Carlos e derrubaram todos os seus livros no chão, quebrando seus óculos em meio a sarros e sarcasmos.

Aproximei-me dele e descobri uma tremenda tristeza em seus olhos, com lágrimas que penetravam o céu: “Por que, por que comigo?”. Ajudei-o a levantar-se e juntos recolhemos cada um de seus livros. Ele me olhou e disse: “Obrigado!”. Havia um leve sorriso em seu rosto; um desses sorrisos que mostravam verdadeira gratidão, fazendo-me sentir único na vida de uma pessoa tão solitária.

Caminhamos até sua casa. Ajudei-lhe com seus livros; parecia um bom

menino. Perguntei-lhe se queria jogar futebol no sábado comigo e com meus amigos, e ele aceitou. Estivemos juntos todo o fim de semana.

Chegou a segunda-feira, que dava início a um novo ano, e pela manhã encontrei Carlos no caminho da escola novamente com aquela enorme pilha de livros. Parei e lhe disse: “Olá, quer ficar musculoso carregando tantos livros todos os dias?”.

Ele riu e deu-me a metade de seus livros para que eu lhe ajudasse.

Nos quatro anos seguintes, tornamo-nos melhores amigos. Quanto mais o conhecia, mais eu e meus amigos simpatizávamos com ele. Quando já estávamos por terminar o segundo grau, Carlos decidiu ir à Universidade de Georgetown e eu à de Duke. Sabia que sempre seríamos amigos e que a distância não seria um empecilho. Ele estudaria medicina e eu administração, com uma beca de futebol. Carlos estava bem. Era uma dessas pessoas que havia encontrado a si mesmo. Tinha mais encontros com meninas que eu, e todas o adoravam. Algumas vezes até sentia inveja.

Chegou o grande dia da formatura. Carlos foi designado por seus amigos para pronunciar o discurso na cerimônia. Puder ver que ele estava nervoso pelo discurso que deveria fazer, então lhe dei um tapinha nas costas e disse: “Vai dar tudo certo, amigo”. Pôs seus olhos em mim com um desses olhares que valem mais que mil palavras, porém ao mesmo tempo seu sorriso me revelava que havia uma surpresa em seu discurso.

Limpou sua garganta e começou dizendo:

– A formatura é um bom momento para agradecer a todos aqueles que nos têm ajudado durante este caminho que tanto termina quanto começa: pais, mestres, irmãos, quem sabe algum treinador... porém de forma particular meus amigos. Eu estou aqui para assegurar-lhes que ser amigo de alguém é o melhor presente que podemos dar e receber e, a propósito, vou contar uma história: em um frio fim de semana, eu havia planejado suicidar-me. Por isso recolhi meus livros na escola, para que minha mãe não tivesse que pegá-los depois.

Eu não podia acreditar. Mas ele continuou: “Felizmente fui salvo”. Apontando para mim com a mão, continuou: “Meu amigo me salvou de fazer algo que não teria volta”.

Escutava com a boca aberta o que ele dizia, sem corar-me, ao contrário, com um legítimo orgulho, o orgulho de contar com um amigo. Seus pais também me assistiam e sorriam para mim como um gesto de gratidão.

Logo, dirigindo-se diretamente a mim, disse com toda autoridade:

– Nunca subestime o poder de suas ações: com um pequeno gesto, pode mudar a vida de outra pessoa.

Os aplausos o interromperam e apenas eu escutei sua última frase: “Uma coisa tão pequena pode salvar uma vida”.

“Uma coisa tão pequena pode salvar uma vida”, repeti para mim mesmo, para acreditar; pois aquele insignificante detalhe na rua, que nem dei importância, havia salvo uma vida.

Tudo que fazemos repercute em nossa volta, seja para bem, seja para mal.

Por uma parte, o fermento do bem é muito mais poderoso que o do mal e, cedo ou tarde, frutifica.

Os efeitos de qualquer boa ação são maiores do que imaginamos, por isso é necessário reavaliar o poder transformador que tem o bem. É como um fermento que leveda toda a massa.

Entretanto, também existe o fermento dos fariseus, a hipocrisia, que consiste em viver na mentira e no mundo das aparências.

Senhor Jesus, sei que Teu passo por este mundo esteve pintado por mil cores de pequenos detalhes que fizeram a grande diferença: trabalhar na carpintaria de Nazaré, visitar casas de amigos, dormir numa balsa solta pelo vento, abraçar os meninos ou deixar que uma mulher lavasse Teus empoeirados pés com perfume... porém tudo isso era como um fermento que dava sabor e sentido à massa da vida humana.

Bastou dedicar uns minutos à samaritana para que o rachado cântaro de Teu coração fosse curado e preenchido com água de vida eterna.

Bastou uma palavra ao coletor de impostos para que mudasse Tua vida.

Foi suficiente entrar na casa do pior pecador de Jericó para que convertesse toda a família de Zaqueu.

Senhor, dá-me a fé do fermento que consegue fermentar a massa de meu ambiente e da minha vida; porém também, sem que eu perceba, pode salvar uma vida.

*Um pouco de fermento
leva toda a massa.*

Grão de mostarda

Estrela-do-mar

Jesus faz uma comparação do Reino de forma muito bela:

O Reino dos Céus é como um grão de mostarda que alguém pegou e semeou no seu campo.

Embora seja a menor de todas as sementes, quando cresce, fica maior que as outras hortaliças, e torna-se um arbusto, a tal ponto que os pássaros do céu vêm fazer ninhos em seus ramos (Mt 13,31-32).

A ênfase não está no tamanho do grão, mostrando que devemos ser insignificantes, ou que Deus não quer que sobressaiamos diante dos outros. Pelo contrário, o enfoque está em sua capacidade de crescer, para que os pássaros do céu se assentem em seus ramos.

Não é justo alimentar a visão que justifica o complexo de inferioridade, pois a mensagem evangélica quer dizer exatamente o contrário.

Um senhor de idade caminhava pelas praias do imenso Atlântico brasileiro, quando observou um jovem que continuamente se agachava, pegava algo da areia e o lançava ao mar.

– Que faz, filho?, perguntou o ancião.

– Estou salvando estrelas-do-mar que caíram na areia durante a noite.

– Mas, filho, o litoral se estende por mais de dez mil quilômetros, nunca vai terminar. Não vale a pena.

O jovem olhou para a estrela-do-mar que estava nas suas mãos e, contemplando a imensa costa, moveu afirmativamente sua cabeça, dando razão ao ancião.

– Não vai mudar nada, filho. Tem milhões de estrelas nestas intermináveis praias, repetiu o ancião convencido.

O jovem olhou outra vez a estrela que tinha na sua mão, lançou-a ao mar, dizendo:

– Mas para esta, tudo vai ser diferente...

Se é impossível mudar o mundo inteiro, é possível mudar o mundo de uma pessoa. Uma palavra, um sorriso, sua presença, um tapa nas costas, conseguem transformar a história de uma “estrela-do-mar”.

Como consequência, não deveria desprezar as coisas pequenas, porque elas têm a possibilidade de crescer e dar um fruto maravilhoso, sem que saibamos como. Muitas vezes não percebemos como cresce o bem, porém sabemos que está amadurecendo (Mc 4,26-27).

Nossa confiança nos motiva a continuar propagando a semente da vida, da justiça e da paz ao nosso redor, sabendo que nosso trabalho no Senhor não é em vão (1Cor 15,58).

Por isso, o próprio Jesus fala a cada um de nós:

Homem: Tens em tuas mãos uma estrela-do-mar que podes atirar no oceano, para que tenha a oportunidade de viver, ser destruída em tuas mãos ou ser ignorada na imensidade das praias. Tu e só tu decides o que queres fazer com ela.

Não podes mudar todo o mundo, mas com certeza podes mudar, para o bem ou para o mal, o mundo de tua esposa, teus filhos, de um amigo e até de um inimigo.

Mulher grávida: És capaz de ser promotora da vida que está em teu ventre ou cancelar uma vida inocente e indefesa.

Empresário: De ti depende instaurar o ordem e o progresso de teus empregados ou simplesmente buscar teus lucros pessoais.

Jovem: Tens nas mãos a estrela-do-mar de tua vida. Que vais fazer com ela?

Eu, Jesus, também tenho uma estrela em minha mão. Tu és minha estrela-do-mar e sabes bem o que fiz por ti.

*Tu não podes mudar todo o mundo,
mas podes mudar o mundo de uma pessoa.*

Valemos o sangue de Cristo

O anel e o sábio

Para saber o que somos, não podemos nos basear nas opiniões das pessoas, é preciso ir à essência de nós mesmos para reconhecer nosso verdadeiro valor.

Quando um aparelho elétrico tem que ser consertado, o melhor é ir até o fabricante para que ele possa fazer o melhor possível. Da mesma maneira, temos de ir ao nosso fabricante, o próprio Deus, para que Ele nos revele o que somos e o valor que temos diante de seus olhos:

Eis que diz o Senhor, aquele que te criou Jacó, aquele que te modelou, Israel: “Não tenhas medo, que fui eu quem te resgatou, chamei-te pelo próprio nome, tu és meu.

Pois é muito precioso para mim, e mesmo que seja alto o teu preço, é a ti que eu quero. Para te comprar eu dou, seja quem for, entrego nações, para te conquistar” (Is 43,1-4).

Acaso uma mulher esquece o seu neném, ou o amor ao filho de suas entranhas?

Mesmo que alguma se esqueça, eu de ti jamais me esquecerei.

Vê que eu escrevi teu nome na palma de minha mão, tenho sempre tuas muralhas diante dos olhos (Is 49,15-16).

Quem toca em vós, está tocando na pupila dos meus olhos (Zc 2,12).

Valemos o sangue de Cristo Jesus: de fato, fostes comprado, e por preço muito alto! Então, glorificai a Deus no vosso corpo (1Cor 6,20).

– Venho, mestre, porque me sinto tão pequeno que não tenho forças para fazer nada. Sempre escuto que não sirvo. Outros afirmam que não faço nada certo e as pessoas só vêem meus defeitos. Que posso fazer para que me valorizem?

O professor, sem olhar para ele, disse:

– Sinto muito, menino, não tenho tempo para te ajudar, devo resolver

primeiro meu problema. Talvez depois...

E, fazendo uma pausa, continuou:

– Se quiser ajudar-me a resolver este problema com mais rapidez, talvez depois eu possa te dedicar um tempo.

O jovem aceitou com resignação, movendo sua cabeça, mas sentiu outra vez que era desvalorizado e suas necessidades desprezadas. “Bem”, respondeu o professor, olhando-o por cima de seus óculos. Retirou um anel que tinha numa caixa forrada de veludo e, entregando ao moço, disse:

– Devo vender este anel porque tenho que pagar uma dívida. É preciso que obtenhas a maior soma possível, porém não aceites menos de dez moedas de ouro. Pegue o cavalo que está lá fora e vá ao mercado. Vá e regresse o mais rápido que puder.

O jovem pegou o anel e partiu no ágil cavalo do mestre. Assim que chegou, começou a mostrá-lo aos mercadores. Alguns não prestavam atenção. Outros moviam sua cabeça. Porém, quando o jovem dizia o quanto queria pelo anel, alguns riam e outros viravam as costas. Apenas um ancião foi amável para explicar-lhe que dez moedas de ouro estava muito acima do preço real daquele anel.

Depois de oferecer sua jóia aos vendedores e comerciantes que atravessavam o mercado, abatido pelo seu fracasso, montou seu cavalo e regressou muito devagar.

Como desejaria ter dez moedas de ouro para libertar o mestre de sua preocupação...

– Sinto muito, mestre, não consegui o que me pediste. Os poucos interessados não ofereciam mais de três moedas. Sinceramente não acredito que alguém queira pagar mais.

– Importante o que disseste jovem amigo, respondeu rindo o professor. Devemos saber primeiro o verdadeiro valor do anel. Volte a montar o cavalo, porém não vá ao mercado, e sim a um joalheiro. Quem melhor que ele para sabê-lo? Diga-lhe que quer vender o anel e pergunta-lhe quanto te dá por ele. Mas não importa o quanto ofereça, não o venda. Retorna aqui com meu anel.

O discípulo não acreditava nem esperava muito daquela empresa.

O velho joalheiro examinou o anel com sua lupa à luz de candeeiro, pesou-o, consultou uma enciclopédia e logo exclamou em voz baixa:

– Diga-lhe ao mestre, menino, que se quer vender esta jóia, posso lhe dar 58 moedas de ouro.

– 58 moedas!, exclamou o jovem.

– Sim, replicou o joalheiro, sei que com o tempo poderíamos conseguir perto de setenta moedas por ele, mas não sei se a venda é urgente.

– Por que vale tanto?, perguntou o jovem curioso.

– Não se trata de um simples anel. Não, não. É um elo, o único que falta na corrente do rei Arturo. Por isso vale tanto.

– Ahhh!., exclamou o jovem com a boca aberta de admiração. E guardou a valiosa jóia numa bolsa ao lado do seu coração.

O discípulo montou o cavalo e, a toda velocidade, chegou emocionado à casa do mestre para contar detalhadamente o resultado.

– Sente-se, disse o mestre depois de escutá-lo. Tu és como este anel: uma jóia valiosa e única. Além disso, teu valor está enraizado em teu ambiente, teu passado, tua cultura e tua constelação familiar. Tudo isso valoriza teu ser. Por isso, só um verdadeiro perito pode te avaliar. Então, não se incomode por não ser reconhecido pelas pessoas na rua ou no mercado. Deve ir até o Perito que te criou. Não perca tempo pretendendo que qualquer um descubra teu verdadeiro valor. Recorra sempre ao Perito para que te valorize.

O jovem aluno estava profundamente tocado pela sabedoria e, com um sorriso em seus lábios, repetiu em voz baixa, colocando sua mão direita no coração:

– Sim, devo recorrer ao Perito para que me avalie.

Muitas vezes, procuramos aprovação e reconhecimento de pessoas que não valorizam nem a si mesmas; e, portanto, são incapacitadas de apreciar os outros. Os comerciantes do mercado terão diversidade de opiniões sobre nosso valor, mas o Perito conhece nossa identidade, porque fomos criados por Ele. No barro que fomos moldados, Ele soprou seu Espírito de vida, por isso valem tanto.

Quantas vezes busquei a aceitação dos que passaram pelo meu caminho, procurando ser reconhecido pelas pessoas do mercado. Pretendo injustamente que me valorizem aquelas pessoas que desconhecem os segredos de minha intimidade e o profundo de minhas intenções.

Talvez busquei ser valorizado no lugar errado e por pessoas que não são

especialistas, e é por isso que não estou satisfeito com o preço que decidiram colocar na etiqueta, e, no final, me sinto decepcionado comigo mesmo.

Já é hora de recorrer ao Perito que vai descobrir que sou uma pérola preciosa e faço parte da corrente do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Fui comprado por um alto preço, o sangue de Cristo Jesus, portanto, meu valor é inestimável.

Tú és a pedra preciosa de Cristo Jesus.

Cheguei à meta

Terminar a corrida

A meta de Paulo era terminar sua corrida:

Mas de modo nenhum considero a minha vida preciosa para mim mesmo, contanto que eu leve a bom termo a minha carreira e realize o ministério que recebi do Senhor Jesus: testemunhar a boa nova da graça de Deus (At 20,24).

Por isso, desde a única janela da prisão romana, olha seu passado e enfrenta o futuro, declarando que depois de uma corrida de Maratona, pregando o Evangelho da Graça, chegou à meta que se havia proposto: quanto a mim já estou sendo oferecido em libação, pois chegou o tempo da minha partida. Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé (2Tm 4,6-7).

O atleta de Cristo havia ganhado uma corrida de obstáculos, com todo tipo de dificuldades e problemas para cumprir com a missão confiada. Então, quando já se preparava para a sua última viagem, que só tem passagem de ida, vislumbra o final do caminho:

Desde agora, já está reservado para mim o prêmio da justiça que o Senhor, o justo Juiz, me dará naquele dia, não somente a mim, mas a todos os que tiverem esperado com amor sua manifestação (2Tm 4,8).

Existem certas características que nos comprovam que chegamos à meta:

Quando teu egoísmo não limitar tua capacidade de amar... é porque chegou à meta.

Quando confiar em ti mesmo, ainda que todos duvidem de ti, e deixar de preocupar-te pelo que dirão ou pensarão os outros a teu respeito... é porque chegou à meta.

Quando souber distinguir o sorriso da maldade e preferir a eterna luta à falsa vitória... é porque chegou à meta.

Quando atuar por convicção, e não motivado pela bajulação... é porque

chegou à meta.

Quando puder ser pobre sem perder tua riqueza e ser rico sem perder tua humildade... é porque chegou à meta.

Quando for capaz de perdoar da mesma maneira como hoje te desculpas... é porque chegou à meta.

Quando puder caminhar junto ao pobre, sem esquecer que é imagem e semelhança de Deus, e junto ao rico sem pensar que é um deus... é porque chegou à meta.

Quando aprender a usar teu silêncio a quem não te pedir palavra alguma e souber retirar-te de um cenário quando necessário... é porque chegou à meta.

Quando não quiser encontrar as respostas nas coisas que te rodeiam, mas em ti mesmo... é porque chegou à meta.

Quando aceitar os enganos e não perder a calma... é porque chegou à meta.

Quando tua felicidade ou infelicidade não depender de coisa, situação ou pessoa alguma... terá chegado à meta.

Só então poderá considerar que tem limitado tua carreira.

Não há nada mais triste que abandonar a corrida na metade do caminho, sem atravessar a faixa de chegada.

O atleta tem sempre em sua mente e seu coração o desafio de terminar o que começou.

Não importa o ponto em que nos encontramos, não é hora de olhar para atrás, mas enfrentar o desafio de chegar ao final da corrida.

Senhor, a verdade é que não cheguei ainda à meta, mas estou caminhando, sem desistir, para um dia poder dizer, cheio de orgulho: “Terminei a corrida e agora espero receber a coroa que sei que vais presentear-me, não por meus méritos, mas pelos teus ganhos na cruz”.

*Não cheguei à meta,
mas estou mais perto que estava ontem
e mais longe que amanhã.*

Busquem as coisas do alto

Águia que morreu como pintinho

Infelizmente não temos percebido o valor que temos e, como Esaú, o filho de Jacó, vendemos nossa herança por um prato de lentilhas (Gn 25,34). Nós somos herdeiros de Deus e co-herdeiros em Cristo Jesus (Rm 8,17). Formamos um povo de sacerdotes, profetas e reis (1Pd 2,9), e somos filhos de Deus pela graça de Deus. Por isso, temos que viver de acordo com nossa vocação:

Exorto-vos a levardes uma vida digna da vocação que recebestes (Ef 4,1).

Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do alto, onde Cristo está entronizado à direita de Deus (Cl 3,1).

Não somos estranhos nem estrangeiros, mas concidadãos dos santos e familiares de Deus que têm os olhos na pátria celeste (Ef 2,19; Hb 11,14-15). Por isso somos chamados a buscar as coisas do alto e não jogar nossas âncoras no transitório deste mundo.

Um ovo de águia caiu da montanha e foi rolando com suavidade pela neve até chegar a um palheiro da granja de um homem que criava galinhas.

Quando o camponês viu aquele ovo, percebeu que era diferente, olhou suspeitosamente para o galo, como que pedindo alguma explicação, porém este lhe deu as costas. Então o camponês o colocou onde as galinhas chocavam suas crias.

Três dias depois, cinco pintinhos amarelos saíram de sua casca, acompanhados de outro, de cor ocre, que tinha a cabeça branca e o bico curvado. A mãe galinha cuidava de todos e, quando gritavam “piu, piu”, lhes dava de comer. Também a misteriosa ave de asas grandes em vez de caçar as presas na planície, aprendeu a pedir seu alimento com um compassivo “piu, piu”, porém em tom mais grosso.

Quando havia tempestade ou sopravam os ventos, os pintinhos se refugiavam embaixo das asas da mãe galinha, coisa que também aprendeu a

fazer o outro “pintinho”. Quando estavam no pátio, a frustrada águia assistia ao céu com nostalgia, suspirando ao ver os falcões e as águias reais voarem. Depois de alguns meses, já nem levantava os olhos para contemplar as nuvens, mas abaixava a cabeça para ciscar na terra, como os outros pintinhos.

A pequena águia, camuflada de pintinho, nunca se atreveu a abrir suas asas, e jamais intentou voar, pois sempre pensou que era um simples pintinho, igual aos demais.

Três meses mais tarde, veio o gerente de compras de Kentucky Fried Chicken e levou seis galinhas, as quais foram empanadas, fritas e ingeridas pelas pessoas.

Enquanto não sabemos o que somos e desconhecemos que levamos a marca divina em nosso DNA, seguiremos pensando que não valemos, não sabemos e não podemos. E vamos viver agachados, ciscando a terra.

Esse viver insatisfeito com as coisas de baixo, assim como o desejo de levantar os olhos até as alturas, mostram que não somos pintinhos, mas águias reais.

Senhor, não quero morrer ciscando na terra. Quero esperar em Ti, porque os que esperam em Ti renovam suas forças como as asas das águias, para caminhar sem cansar-me e correr sem fatigar-me (Is 40,31).

Quero levantar meus olhos para buscar as coisas de cima, onde Tu, Jesus, estás assentado à direita de Teu Pai, e um dia eu me encontrarei sentado e escondido em Ti (Ef 2,6; Cl 3,3).

Que desde agora eu tenha nostalgia dessa glória que me espera, para viver com os olhos no céu, porém com pés na terra.

***Se não buscamos as coisas de cima,
vamos continuar ciscando a terra.***

A figueira do caminho

A carroça vazia

Numa fresca manhã, no início da primavera, subindo de Betânia à Jerusalém, Jesus encontrou uma figueira que, com sua frondosa folhagem, o convidava a desfrutar de seus doces figos. Entretanto, só havia folhagem e nada de frutos, porque, de acordo com o evangelista, não havia chegado ainda o tempo da colheita (Mc 11,13).

Jesus, de forma aparentemente injusta, amaldiçoa a figueira, porém não por carecer de frutos, já que não era tempo, mas porque na figueira do Mediterrâneo, no começo do verão, ao mesmo tempo brotam a folhagem e os figos (Mc 13,28). Assim, essa figueira enganava os que passavam por ela, até Jesus, dando a entender que, com sua abundante folhagem, abrigava frescos frutos entre seus galhos.

Jesus amaldiçoa a figueira por enganar a todos com sua folhagem. Seu problema não era a carência de figos, e sim porque enganava a todos com sua abundante folhagem.

Certa manhã, tirei meu pai, cego, da cabana de madeira para dar um passeio pelo bosque. Ele parou numa curva e, depois de um breve silêncio, levantando sua mão, me perguntou:

– Além do som dos pássaros e do vento que canta entre os galhos das árvores, percebes alguma coisa mais?

Agucei meus ouvidos por alguns segundos e lhe respondi:

– Estou escutando um barulho que está se aproximando.

– Sim, afirmou meu pai. É uma carroça vazia.

Perguntei então com curiosidade:

– Uma carroça vazia? Como sabe que viaja sem pessoas nem mercadoria, se está longe e não pode vê-la?

Então meu pai me surpreendeu com sua sabedoria. Colocou sua mão direita sobre meu ombro e vagorosamente, porém com voz segura, me ensinou:

– É muito fácil saber quando uma carroça não carrega pessoas ou

mercadoria. Quanto mais vazia a carroça, maior é o barulho que ela faz.

– Quanto mais vazia a carroça, maior é o barulho que ela faz, alternei em voz baixa, dando a mão a ele.

As pessoas vaidosas geralmente querem chamar a atenção e atrair os holofotes, conseguindo com ostentação, triunfos coisas que nem têm ou fazem. Geralmente, atrás de uma presunção existe uma carência que não foi satisfeita. Por outro lado, as pessoas que estão bem não presumem, porque não precisam vangloriar-se de seus sucessos, visto que são evidentes aos outros. O bem é discreto, mas expansivo por natureza, por isso não exige holofotes e aplausos.

Seria bom examinar-nos hoje, não se carecemos de frutos, mas se não temos disfarçado nossa esterilidade com abundante folhagem.

Senhor, agora apenas quero pedir perdão pelas tantas vezes que fiz barulho com minha carroça porque estava oca de Deus e de amor; quantas vezes tenho transitado pelos caminhos da vida com uma carroça vazia de palavras doces, sem sentimentos amáveis. Perdoa-me, Senhor, pela falta de paciência e de verdade em minha bagagem.

Perdoa-me, Senhor, por todas às vezes em que, ao invés de encher o coração de meus irmãos, só fiz barulho, incomodando-os com minha intransigência, minhas palavras orgulhosas e meus discursos cheios de petulância.

Perdoa-me, Senhor, por ter enganado os outros com minha folhagem. Tenho disfarçado a esterilidade de frutos com uma simples folhagem, fazendo-os acreditar que teriam saborosos frutos em minha vida.

Tu suportas o que não tenha frutos, porém o que não admities é que se supra o essencial com o acidental.

*O problema não é carecer de frutos,
mas sim dar a aparência de tê-los
com frondosa folhagem.*

Provados no cadinho

O ferreiro que tempera o aço

Deus promete acrisolar-nos não para nos fazer sofrer, mas para nos purificar e fortalecer nas lutas: voltarei a minha mão contra ti e purificarei ao cadinho tua escória, até te arrancar toda a sujeira (Is 1,25).

E uma vez passado por esse fogo purificador, Jó tem uma esperança: ele, porém, conhece o meu caminho e, se me puser à prova, sairei como o ouro (Jó 23,10).

São Paulo, por sua vez, nos descreve a armadura do cristão, que leva em sua mão esquerda o escudo da fé e na mão direita a espada da Palavra, que tem sido temperada tanto no fogo abrasador como na água fria. Enfim, ponde o capacete da salvação e empunhai a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus (Ef 6,17).

Durante muitos anos, um bom ferreiro trabalhou com afinco e integridade, porém, apesar de toda sua dedicação, nada parecia andar bem em sua vida; muito pelo contrário, seus problemas e dívidas se acumulavam dia a dia.

Numa tarde, um amigo que o visitava e sentia dó por sua difícil situação, lhe questionou:

– É muito estranho que, justamente depois de haver decidido ser um homem temente a Deus, tua sorte vai de mal a pior. Não quero enfraquecer tua fé, mas apesar de acreditares nas promessas de Deus, nada melhorou em sua vida.

O ferreiro não respondeu. Ele já havia pensando nisso muitas vezes, sem entender o que acontecia com sua vida. De qualquer forma, como não desejava deixar o amigo sem resposta, expressou:

– Nesta oficina eu recebo o aço bruto e devo transformá-lo em espadas. Sabes tu como se faz isso? Primeiro, aqueço a chapa de aço a um calor infernal, até que fique no vermelho vivo. Em seguida, sem nenhuma piedade, pego o martelo mais pesado e dou vários golpes, até que a peça adquira a forma desejada. Depois, mergulho-a num balde de água fria, e a oficina inteira fica

cheia de vapor, porque a espada grita de raiva por causa da mudança de temperatura. Tenho que repetir este processo até obter a espada perfeita.

O ferreiro fez uma grande pausa e seguiu tranquilamente:

– Às vezes, o aço que chega às minhas mãos não consegue suportar este tratamento. Com o calor, as marteladas e a água fria acabam rachando-o. Nesse momento, percebo que jamais se transformará numa boa espada; e então, sem reclamar, deixo-o na montanha de ferro velho que vê ao fundo de minha oficina.

Fizeram outra pausa e concluiu:

– Sei que Deus está me forjando no fogo das aflições. Aceito as marteladas que a vida me dá, e às vezes me sinto tão frio e insensível como a água que faz sofrer o aço. Porém, a única coisa que penso e repito em voz baixa é: “Meu Deus, não desista, até que eu consiga tomar a forma que Tu esperas de mim. Tente, de forma que Te pareça melhor, pelo tempo que queiras, porém nunca me abandones na montanha de ferro velho”.

O contraste entre as altas temperaturas e a água fria forja a espada. Nossa vida é uma pintura de Rembrandt, em que se conjugam as luzes com as sombras; a grandeza e pequenez do ser humano; a transcendência e a imanência; a luta do bem contra o mal; a solidão e a comunidade; todos esses contrastes nos vão forjando.

Não precisamos eliminar nenhum dos aspectos, porque a espada perderia força, mas simplesmente colocá-la no contexto em que convive o trigo com o joio, para fazer uma obra de arte. Os acontecimentos e os problemas da vida adquirem valor e sentido quando os enquadrados no contexto da existência humana.

Deus é o ferreiro que nos está forjando com suas mãos e não hesita em meter-nos no forno ou submergir-nos na água gelada, com o objetivo de fortalecer-nos. Nem tudo é bom, mas tudo serve para nosso bem.

O segredo consiste em amarrar os cabos, percebendo que algo negativo ou doloroso tenha servido para nos fortalecer e tornarmo-nos mais compreensivos com os outros.

Senhor, o profeta Jeremias afirma que somos como o maleável barro em Tuas mãos (Jr 18,1-6), porém, a verdade é que sou tão duro como o aço, e

muitas vezes resisto ser moldado por Tuas mãos, e por isso preciso de martelos e fogo.

Senhor, te peço então, quando quiserdes fazer da minha vida uma espada de dois gumes e me colocar no fogo da dor, que eu saiba que é uma etapa transitória. Porém, quando me afundar na água fria da solidão, que eu não fique estacionado, mas saiba também que tudo é passageiro.

Que misteriosos são esses contrastes que me forjam para viver com intensidade as lágrimas e os sorrisos, as alegrias e as dores.

Eu me coloco em Tuas mãos sem condições, para que, quando necessário, me coloques no forno e me martele com força a essência de minha vida para forjá-la de acordo com o Teu maravilhoso plano.

Se for necessário, Senhor, passa-me pelo fogo para transformar-me em espada, mas uma espada em Tuas mãos, que ganha todas as batalhas.

*Deus não quer nosso sofrimento,
e sim nossa purificação.*

Os caminhos de Deus

Pausa na música

Jesus fazia constantes pausas em seu abundante trabalho para retomar as energias e continuar adiante na missão que o Pai lhe havia confiado. Seu ministério na Galiléia e Jerusalém começou depois de uma longa pausa de trinta anos em Nazaré. Parou o relógio quando foi ao Monte Tabor, para ter a experiência do amor do Pai, antes de subir à Jerusalém para enfrentar a batalha definitiva. Intercalava pausas quando passava uma longa e inteira noite em profunda oração com seu Pai. Numa ocasião, até ficou três dias de pausa num sepulcro.

O grão de trigo também tem que fazer uma pausa no ventre da terra para dar fruto (Jo 12,24).

Paulo de Tarso aprendeu a mesma técnica: depois de sua conversão, ficou três anos no deserto para definir o rumo de sua vocação e de sua missão (Gl 1,15-18). Também as sete vezes que esteve preso, quando ficava adoentado ou vivia momentos de solidão e de fracasso, eram pausas que lhe permitiam abastecer as forças.

Na pausa não há música, porém a pausa ajuda a fazer a música. Os pentagramas têm momentos de silêncio para realizar a melodia com variedade e beleza.

Os instrumentos da orquestra vão entrando e saindo, de acordo com a batuta do maestro. Não é necessário que todos toquem ao mesmo tempo, mas cada um em seu momento, fazendo pausas quando a melodia precisar.

Deus às vezes permite um tempo em que devemos fazer uma parada forçada, como uma prova, planos que fracassaram, esforços frustrados ou uma perda, um retiro de trinta dias, uma viagem ou até mesmo um momento de solidão para refletir. Todos nós temos pausas repentinas na orquestra de nossa vida.

Lamentamos quando nossa voz tem que se silenciar, imaginando que nossa

música desaparece. Porém, Deus tem seu plano quando escreve a partitura de nossa vida, organizando nossa sinfonia e marcando o compasso com sua batuta de amor e sabedoria.

Se esquecemos que as pausas ajudam a fazer a música, então, não vamos considerá-la como uma oportunidade, porque sem pausas não há música.

A vida parece um rio tão abundante que às vezes se constroem represas para aproveitar sua água e uma hidrelétrica que abasteça de luz uma cidade. Também em nossa história existem momentos de pausa, de reflexão, para ser fonte de luz tanto para nós como para os outros.

O tempo pode se tornar nosso grande aliado ou nosso pior inimigo, depende se lhe declaramos guerra ou nos reconciliamos com ele. A parábola do trigo e do joio mostra como aproveitá-lo para nosso benefício: quanto mais brotar o joio, mais perto está seu fim. O tempo que angustiava os ansiosos servos se transformou em esperança para o dono do campo (Mt 13,25-30).

Amado Senhor Jesus, quantas vezes eu não entendi o porquê das pausas em minha vida e me desesperei porque sentia que minha orquestra tinha parado e já não cantavam mais os coros. Agora, Senhor, entendo melhor as coisas: as pausas também são necessárias.

Senhor, em Teu trono tem composto esta melodia maravilhosa, que é perfeita. Reconheço, Senhor, que as pausas, minhas pausas, são necessárias e que devo deixar a batuta em Tuas mãos, acreditando, Jesus Mestre, que Tu diriges a orquestra e estás fazendo uma obra de arte com a melodia de minha vida.

Obrigado, Senhor, porque eu sei que esta pausa é passageira; ela apenas vai servir para que a minha música possa continuar entoando um cântico novo.

Amém.

*As pausas
são parte da sinfonia da vida.*

Somos santuário do Espírito

Por que as pessoas gritam

Uma das promessas mais belas de toda a revelação é quando Jesus nos afirmou: se alguém me ama, guardará a minha palavra; meu Pai o amará, e nós viremos e faremos nele a nossa morada (Jo 14,23).

No Antigo Testamento, Deus acompanhava o povo de Israel nas brigas e caminho pelo deserto; na conquista de Canaã como no desterro de Babilônia. Deus fez construir um templo em Jerusalém, onde Ele sempre estaria presente com seu povo.

De qualquer maneira, no Novo Testamento, Deus não está com seu povo, mas em seu povo; Deus não está conosco, senão dentro de nós mesmos, como a alma de nossa própria alma, e nele vivemos, nos movemos e existimos (At 17,28).

Acaso não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? (1Cor 3,16).

Uma professora de matemática perguntou aos seus alunos:

– Por que as pessoas gritam quando estão bravas?

O grupo ficou pensativo por um momento.

O primeiro respondeu:

– Eu grito quando os outros me desesperam.

– Sim, respondeu a professora. Mas, por que grita, se a outra pessoa está tão perto de ti? Por que não pode falar em voz baixa?

Continuaram as respostas, mas nenhuma satisfazia a professora. Enfim, ela explicou:

– Quando duas pessoas estão bravas, seus corações se distanciam, criando uma grande distância entre elas. Para cobrir este vazio, precisam de gritos, pois não escutam nem são escutadas.

A professora, com lógica matemática, continuou:

– Por outro lado, quando duas pessoas se apaixonam, não levantam a voz.

Falam baixinho, porque seus corações estão perto um do outro. A distância tem sido superada. Não precisam gritar, porque um está dentro do outro. E até se olham em silêncio para ler a alma nos olhos da pessoa amada.

Deus está dentro de nós. Por isso, quando Jesus nos convida a orar, nos diz para entrarmos na morada profunda de nosso interior, onde encontraremos a presença divina. Muita gente é incapaz de fazer esta viagem, que é a mais importante da geografia da vida; percorrer o interior de nós mesmos, onde Deus tem feito sua morada.

Somos santuários do Espírito, onde Ele mora e atua através de nós (1Cor 6,19). Por isso, não precisamos gritar; basta uma atitude de contemplação. O falar-lhe em voz baixa significa então que sabemos que Ele nos escuta, porque habita em nosso coração.

Senhor, sou consciente que Tu moras no mais íntimo do meu ser e, com coração sereno, quero no dia de hoje descobrir e experimentar que estás muito mais perto de mim do que imagino. Que não somente estás comigo, ao meu lado, mas que estás em mim.

Quero Senhor, em silêncio, com uma voz suave, falar contigo, porque sei que me escutas, pois estás dentro de mim.

Fizeste Tua morada em mim e sou o templo onde tu habitas. Por isso, já não preciso gritar, mas, com sons inefáveis (Rm 8,26), quero entrar em comunhão contigo até ao ponto de guardar silêncio e estar em contemplação permanente por Tua presença em mim, porque és a alma de minha alma.

Amém.

Deus não só está consosco, mas em nós.

Três batismos

Milho

O Novo Testamento se refere a três diferentes tipos de batismo, todos eles importantes no processo de transformação em cristão:

- Batismo na água: João Batista batizava com água, para a conversão do pecado (Lc 1,16).
- Batismo na morte de Jesus: São Paulo relata que fomos batizados na morte de Jesus para morrer ao pecado (Rm 6,4).
- Batismo no fogo do Espírito: Para ser testemunhas com poder da ressurreição de Jesus (At 1,5).

Ser batizado significa ser submergido, o qual implica a dimensão pascal de morte e ressurreição e reflete o processo pelo qual temos que passar na vida cristã.

Estes três momentos são necessários para alcançarmos a estatura de Cristo Jesus, para que já não vivamos nós, mas apenas Ele (Gl 2,20).

Quando o milho está na espiga, não serve para alimento. Por isso, é separado e armazenado; porém, ainda assim, se alguém tentar comê-lo, os dentes se quebrarão, pois é muito duro.

Então, o milho deve ser colocado num moinho que o tritura. Parece que perde sua identidade, porém, na realidade, está num processo de conversão em alimento para os outros.

Uma vez transformado em farinha, acrescenta-lhe água ou algum outro ingrediente para que se torne massa.

A massa, matéria-prima para uma diversidade de alimentos, é colocada no forno para ser consumida.

Quando o milho passa por essas três etapas, se converte em alimento substancial.

Também nós precisamos passar por essas três etapas: o moinho, a água e o fogo.

- Batismo na morte de Jesus: o moinho tritura nossos preconceitos e idéias contrárias ao Reino de Deus. Se não rompemos com nossos esquemas, e até com certas tradições religiosas, não estaremos aptos para aceitar o Reino de Deus. É necessário morrer para nascer mais uma vez, de maneira especial, morrer ao pecado e a atitudes pecaminosas. A cruz não nos leva a morte, simplesmente mata tudo aquilo que não nos deixa viver, ou o que não nos permite ser livres nem felizes. Se não morremos em Cristo, não vamos ressuscitar nele.
- Batismo na água: este batismo nos purifica desde o mais profundo de nossas motivações, para que, de fato, ocorra a nossa conversão, que não se reduz a uma mudança moral, mas o agir com pureza de intenção. Jesus, oleiro divino, nos molda e nos prepara para nos transformar em sua imagem e semelhança.
- Batismo no fogo do Espírito: transforma-nos na imagem e semelhança de Cristo Jesus. Este fogo nos faz arder o coração pela experiência de sermos amados por Deus e apaixonados por Jesus, para sermos testemunhas com o poder do Espírito.

O Senhor Jesus nos pergunta:

- Tu já tens passado pelo batismo em Minha morte, onde perece todo pecado e atitude de pecado? Já está morto o homem velho, para que Eu viva em ti?
- Tu já tens sido batizado na água para a conversão e transformação de tua mente, a fim de que tenhas os mesmos pensamentos e sentimentos de Meu coração?
- Tu já foste batizado no fogo do Espírito para converter-te em testemunha com grande poder e para que anuncies Meu nome até os confins da terra?

Se já recebeu estes três batismos, então está crescendo para alcançar Minha estatura.

*Necessitamos ser batizados
na morte de Jesus, na água e no Espírito,
para reproduzir a imagem de Jesus.*

A paz evangélica

Contrastes da paz

Jesus disse duas coisas que até parecem contraditórias:

Deixo-vos a paz, dou-vos a paz. Não é a maneira do mundo que eu a dou. Não se perturbe, nem se atemorize o vosso coração (Jo 14,27).

Porém, em outra ocasião, afirma com contundência:

Pensais que eu vim trazer a paz à terra? Pelo contrário, eu vos digo, vim trazer a divisão (Lc 12,51).

Enfim, nos dá ou tira a paz?

O rei da Pérsia, depois de muitas batalhas e de assentar-se em seu trono, ofereceu um grande prêmio ao artista que retratasse em uma tela “a paz perfeita”.

Muitos tentaram, e o rei examinou pessoalmente cada uma das obras, porém somente duas pinturas lhe pareceram dignas de ser consideradas:

- A primeira era um lago tão tranqüilo como um espelho transparente, onde se refletiam as montanhas cobertas de neve. Sobre elas, havia um céu azul com nuvens brancas e um sol resplandecente. Todos que olhavam para a pintura experimentavam uma plácida mansidão.
- A segunda pintura tinha montanhas escabrosas e assustadoras. Sobre elas bramava um céu furioso, em que brotavam impetuosos raios e trovões. Montanha abaixo, uma espumante torrente de água batia contra as pedras. Porém, quando o rei observou-a cuidadosamente, viu, atrás da cascata, um arbusto na fenda de uma pedra, no qual se encontrava um ninho. Ali, durante a violenta tempestade, um pássaro alimentava seus filhotes.

O rei elegeu a segunda pintura e explicou suas razões:

– Paz não significa um estado em que inexistam problemas e contratempos, mas que, apesar de viver rodeado de adversidades, permaneçamos seguros de que nossa vida depende do amor e poder de Deus.

– “Nossa vida depende do amor e poder de Deus”, repetiram todos seus cortesãos.

Nada nem ninguém poderá me separar de meu amor manifestado em Cristo Jesus, o qual morreu por vocês quando ainda eram pecadores (Rm 5,8). Esta é a fonte da paz: vocês valem mais que os pássaros que vendem no mercado (Mt 10,29), e nem o pecado perdoado os separará de meu amor, porque onde abunda o pecado, superabunda meu amor misericordioso (Rm 5,20).

Como é certo, Senhor Jesus, que vieste trazer a divisão e tirar-me a paz.

Separou-me de todas aquelas atitudes anti-evangélicas, em que vivia nas sombras da morte, e me dividiu também de minhas antigas formas de pensar e agir, que me levavam ao sepulcro.

Tira-me a paz quando vejo a injustiça e a desordem do mundo, quando apalpo a morte dos inocentes e o triunfo dos malvados sobre os empobrecidos. Perco também a paz com o desfile de abortos e com a guerra. Não durmo quando penso na devastação do pulmão do mundo na selva amazônica, e tenho pesadelos com a extinção de milhares de espécies do reino animal. Também perco a paz quando percebo que o desenvolvimento industrial dos poderosos está superaquecendo o planeta.

Porém, ao mesmo tempo, em que contemplo Tua cruz, ou melhor, a Ti crucificado, que és loucura e estupidez para o mundo, mas que assim absorves e assumes a maldade do mundo para transformá-la, sinto novamente a paz, porque essa morte voluntária e amorosa se converte em força e sabedoria de Deus (Jo 10,18; 1Cor 1,24).

***A paz evangélica está na certeza que temos um Deus
tão poderoso como misericordioso.***

Imagem e semelhança de Deus

O monge e o escorpião

A Epístola de São Pedro tem uma coluna vertebral: viver com coerência a nossa vocação:

Mas vós sois a gente escolhida, sacerdócio régio, a nação santa, o povo que ele conquistou, a fim de que proclameis os grandes feitos daquele que vos chamou das trevas para sua luz maravilhosa.

Não pagueis o mal com o mal, nem ofensa com ofensa. Ao contrário, abençoai, porque para isto fostes: para serdes herdeiros da bênção (1Pd 2,9; 3,9).

São Paulo, por sua vez, nos convida:

Eu, prisioneiro no Senhor, vos exorto a levardes uma vida digna da vocação que recebestes: com toda humildade e mansidão e com paciência, suportai-vos uns aos outros no amor, solícitos em guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz (Ef 4,1-3).

Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas do alto, onde Cristo está entronizado à direita de Deus; cuidai das coisas do alto, não do que é da terra (Cl 3,1-2).

Um monge do Tibete fez uma longa viagem, desde as montanhas do Himalaia, para dar uma conferência a uns noviços sobre a unidade da natureza com a humanidade e como o macrocosmo está sintetizado em nossa vida, pois vivemos num harmonioso sistema ecológico onde cada um tem uma função relacionada à sua natureza.

Caminhando pelo campo com seus discípulos, o monge descobriu que um escorpião era arrastado pela correnteza do pequeno rio. Instintivamente, e por amor à vida, o monge o resgatou com sua mão, porém o animal instintivamente

o picou. O monge fez um gesto de dor e, ao sacudir a mão, o escorpião caiu novamente na água.

O monge voltou a resgatá-lo, porém o venenoso animal o picou de novo e, ao sacudir sua mão, o escorpião caiu outra vez na correnteza que seria seu sepulcro.

Os discípulos perguntaram ao monge se não havia aprendido a lição pois corria o risco de ser mordido mais uma vez.

O mestre respondeu:

– Estou agindo de acordo com minha natureza, que é proteger e salvar todo tipo de vida. O animal está reagindo conforme a sua, que é picar.

Por que, se ele age segundo sua natureza, vou deixar de agir de acordo com a minha?

Se ressuscitamos com Cristo, estamos chamados e capacitados para viver como homens e mulheres novos, independente das atitudes ou respostas dos outros

Nós temos um modelo a imitar: Cristo Jesus (1Cor 11,1); e nosso lema é: vencer o mal fazendo o bem (Rm 12,21).

Senhor, quantas vezes renunciei minha tarefa de fazer o bem e viver a verdade porque os outros não agiram da forma que eu esperava. Inclusive, tenho me justificado na forma que eles agem para eu fazer o mesmo, sabendo que estou no mundo, mas não sou dele (Jo 15,19).

Às vezes tenho vivido mais como vive o mundo que como um discípulo Teu, Senhor Jesus.

Em outras ocasiões, tenho imitado a outros mestres em vez de ser fiel à minha vocação de discípulo Teu.

Senhor, se os escorpiões picam, as borboletas voam, a água fecunda a terra e as hienas matam, eu quero amar, para isso fui criado e desenhado por Ti.

***Não dependa da reação dos outros
para fazer o que quer e deve fazer.***

Tempestades em alto-mar

Temporais necessários

Tanto o Evangelho de Marcos como o Evangelho de Mateus narram tempestades que surpreenderam os discípulos de Jesus no mar de Tiberíades.

- Na primeira, depois de um agitado dia de trabalho, Jesus dormia placidamente na barca enquanto a tempestade açoitava a frágil embarcação a ponto de temerem perecer (Mc 5,35-41).
- Depois da multiplicação dos pães, Jesus ficou com a multidão e enviou seus discípulos à outra margem do lago. Era tarde, e a noite os surpreendeu com uma tempestade que criou fantasmas que perambulavam pelas agitadas ondas (Mt 14,22-26).

Essas tempestades têm um objetivo no plano de Deus: fortificam-nos e aumentam nossa fé, fazendo brotar o melhor de nós mesmos.

No mundo tereis aflições.

Mas tende coragem! Eu venci o mundo (Jo 16,33).

Paulo de Tarso também naufragou várias vezes. De maneira especial, durante sua travessia pelo Mediterrâneo, até a tripulação e os marinheiros perderam toda a esperança de sobreviver (At 27,9-44).

Entretanto, os temporais, que representam oposições externas, problemas e toda classe de adversidades, são habituais quando navegamos no mar da vida. Somente aqueles que ficam ancorados na praia ou dormem nos sepulcros não enfrentam nunca tempestade alguma.

Um dia, um agricultor, insatisfeito com as estações do ano e as mudanças climáticas inesperadas, pediu a Deus que lhe permitisse governar a natureza para que (segundo ele) pudesse ter melhores resultados na sua colheita. E Deus lho concedeu!

Então, quando o camponês queria chuva, assim se sucedia. Quando pedia sol, este brilhava com todo seu esplendor; se precisava de uma brisa suave, o vento soprava levemente.

Porém, quando chegou o tempo da colheita, sua surpresa e pasmo foram enormes, pois foi um fracasso total. Desconcertado, perguntou a Deus por que obteve tão pobre colheita, se ele havia colocado os climas que acreditou serem convenientes.

Deus lhe respondeu:

– Tu pediste o que quiseste, mas não o que de verdade convinha. Nunca pensaste em temporais, e estes são muito necessários para limpar a plantação, afastar as pragas e fortalecer os talos de trigo para que possa sustentar mais grãos nas espigas.

Por instinto de conservação, evitamos toda adversidade, mas são precisamente as tempestades e os ventos fortes que fortificam os carvalhos e pinheiros. Sem eles, não se aprofundariam as raízes na terra, nem se fortaleceriam para resistir a todo tipo de batalha.

Existem tempestades causadas por agentes externos a nós mesmos, como também temporais que se formam em nosso interior: os afetos doentios, conflitos mentais, obsessões ou pensamentos negativos, adversidades econômicas ou de trabalho.

Essas não são nem boas nem más. Depende de como as enfrentamos. Por isso, a primeira coisa a fazer é não ter medo e tirar proveito delas, para benefício de nosso crescimento humano e cristão.

Senhor Jesus, às vezes é difícil entender a razão pela qual aparecem tempestades em minha vida, sobretudo quando chegam sem avisar e me causam grandes estragos. Isso me enfraquece e desanima, Senhor, porque não me sinto preparado para enfrentar essas batalhas da vida.

Porém, Tua Palavra me ensina que há um tempo para tudo e para cada coisa (Ecl 3,1-11).

Aceito este desafio de confiar que existe um sistema ecológico balanceado e em harmonia para poder viver mais intensamente esta vida.

Cada dor, cada pergunta sem resposta ou conflito interno passou pelo Teu Trono e não move uma folha de árvore sem Teu consentimento, pois até tens contado os cabelos de minha cabeça (Ap 4,1-8; Mt 10,30).

Teus planos são melhores que os meus, ainda que as vezes eu não os entenda.

Entrego-te meu terreno para que administre e decida as temperaturas, as

tempestades e os dias de luz, as brisas suaves e os ventos fortes.

Tu és o dono deste campo e sabes o que necessito para um dia dar fruto abundante e permanente (Jo 15,8.16).

Todas as coisas que tens feito, Senhor, são boas (Eclo 3,11).

Confio incondicionalmente em Ti.

As tempestades nos fortificam.

Pecar com o coração

Dois monges e uma mulher

Os judeus pensavam que certos alimentos ou ações os manchavam e contaminavam. Por isso, seu sistema religioso estava enraizado em purificações e sacrifícios que os lavassem de suas manchas. Jesus nos mostrou que as intenções perversas, assim como os pensamentos obscenos que contaminam o homem, provêm do coração.

Mas o que sai da boca vem do coração, e isso é que o torna impuro. É do coração que saem as más intenções: homicídios, adultérios, imoralidade sexual, roubos, falsos testemunhos e calúnias. Isso é que torna alguém impuro. Mas comer sem lavar as mãos não torna ninguém impuro (Mt 15,18-20).

Assim, nos advertiu que quem olha uma mulher, desejando-a, já adulterou com ela (Mt 5,28). Davi, antes de adulterar com Betzabé, desejou-a em seu coração. A consequência foi automática (2Sm 11,2-4). Por isso, o salmista pede insistentemente a Deus: Cria em mim, ó Deus, um coração puro (Sal 51,12) (heb)

São Paulo nos dá a verdadeira razão: Para os puros tudo é puro (Tit 1,15).

Dois monges caminhavam pela selva. Quando se aproximaram da beira de um rio sem ponte, encontraram uma jovem mulher e seu filho, que não podiam cruzar o rio porque as águas haviam subido.

A mulher lhes disse que eles eram a resposta às suas orações, pois estava indo visitar seu esposo doente em um hospital psiquiátrico. O mais velho respondeu incomodado que ele apenas ajudaria o juvenzinho, pois sua religião não permitia contato algum com mulheres.

Assim, ambos os monges, carregando em seus ombros a mulher e seu filho de nove anos, atravessaram a correnteza, cujas águas batiam na cintura. Ao chegar do outro lado, a mulher agradeceu a oportuna ajuda e sorriu com respeito e amabilidade para o monge que a havia transportado.

Quando os dois monges ficaram sozinhos, o mais velho censurou o mais jovem: “Nossa religião proíbe o contato com as mulheres e tu tocavas nas coxas daquela mulher tão bela”.

O jovem monge simplesmente encolheu os ombros e não disse palavra alguma.

Mais adiante, quando se sentaram para descansar, o monge mais velho insistiu com dureza: “Percebeste o sorriso insinuador que ela se despediu de ti? E tudo isso porque a carregou em seus ombros, porque teve contato com sua pele”.

Quando já estavam entrando no convento, o ancião repreendeu outra vez com insistência: “Deves confessar-te de ter tocado uma mulher, porque manchaste teu corpo”.

O jovem lhe respondeu:

– Eu carreguei a mulher somente por três minutos para que ela atravessasse o rio e se encontrasse com o marido doente, porém tu a vens carregando todo este tempo. Por que já não te libertas dela? Se eu manchei meu corpo, tu manchaste tua mente e tua alma.

Do nosso interior nascem os maus pensamentos, as traições e infidelidades. Em nosso coração se criam os roubos e os adultérios. Se deixarmos que este joio cresça dentro de nós mesmos, rapidamente estenderá seus galhos para fora de nós.

Senhor, cria em mim, oh Deus, um coração puro, porque para o puro todas as coisas são puras.

*O joio que nasce em nosso coração
estende seus galhos em nosso exterior.*

Semelhante a nós em tudo

O cachorrinho doente

A Encarnação do Filho de Deus que se fez homem foi real e total.

No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto com Deus.

Quando se completou o tempo previsto (disse ao Pai): “Eis me aqui, envia-me”.

E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós.

De fato, não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer de nossas fraquezas, pois ele mesmo foi provado em tudo, à nossa semelhança, sem todavia pecar. Aproximemo-nos, então, seguros e confiantes, do trono da graça, para conseguirmos misericórdia e alcançarmos a graça do auxílio no momento oportuno. (Jo 1,1-14; Gl 4,4; Hb 4,15-16).

Desta forma, a natureza humana ficou penetrada pela divindade e todo homem desfruta de um valor e de uma dignidade mais adiante da cor de sua pele, cultura e até de sua religião.

Numa loja de mascotes, um letreiro no dia de Natal dizia: “Cachorrinhos à venda”.

Uma cachorra havia parido cinco cachorrinhos, os quais foram postos à venda na loja.

Rapidamente, um menino de olhos grandes e olhar curioso, chamado André, entrou na loja perguntando:

- Qual é o preço dos cachorrinhos?
- Entre trinta e cinquenta reais, respondeu o dono, abrindo as mãos.

O menino colocou a mão em seu bolso, retirou umas moedas e disse ao dono:

- Neste Natal, meu papai me deu \$12,45. Não é o suficiente para comprar um, mas posso ao menos vê-los?

O homem sorriu. Abriu uma porta e, dos fundos da loja, saiu a cachorra, seguida por cinco cachorrinhos.

O último caminhava com dificuldade, separando-se daquele belo desfile.

André imediatamente apontou para o cachorrinho retardatário que mancava:

– Que acontece com esse cachorrinho?

– Quando nasceu, o veterinário me disse que tinha o quadril defeituoso e que mancaria pelo resto de sua vida.

O menino sensibilizou-se e disse:

– Então esse é o cachorrinho que eu quero.

O homem, emocionado, lhe replicou:

– Olha, se tu realmente queres esse filhote, eu te presenteio.

O menino moveu a cabeça negativamente, segurou a mão e, olhando diretamente nos olhos do homem, lhe disse:

– Eu não quero que você me dê de presente. Ele vale tanto quanto os outros cachorrinhos, e eu lhe pagarei o preço completo.

– Está bem, reconheceu o dono da loja. Este vale tanto quanto os outros cachorrinhos.

– Vou dar meus \$12,45 e três reais cada semana, até pagar tudo.

O homem advertiu André:

– Porém ele nunca será capaz de correr, saltar e jogar como os outros cachorrinhos... por que então não compras um dos que não têm problema?

André se agachou e levantou sua calça para mostrar a perna esquerda, cruelmente retorcida e inutilizada, sustentada por um aparelho de metal. Olhou de novo para o homem e lhe disse, com os olhos cheios de lágrimas:

– Eu também não posso correr muito bem, e o cachorrinho precisa de alguém que o entenda.

O homem mordeu o lábio inferior. Seus olhos se encheram de lágrimas, sorriu e entregou o cachorrinho enfermo com estas palavras:

– Só espero que cada um destes outros cachorrinhos tenha um dono como tu.

O Verbo de Deus, a Palavra, se fez semelhante a nós em tudo para entender-nos. Sua carne humana se cansava e sofria, explodia de alegria e chorava. Temos, pois, um Sumo Sacerdote que experimentou, na própria

carne, de que barro fomos feitos. Ele é nosso advogado, que toma em suas mãos nosso caso, porque ele foi capaz de carregar sobre si todas as nossas carências, desejos e necessidades (Hb 4,14-15).

Jesus, Sumo e Eterno Sacerdote, Tu me conheces, porque assumiste minha frágil natureza humana.

Não tenho nada para Te pedir. Só agradecer, porque me amou até o extremo, até se fez como eu, humano, para ser capaz de ter misericórdia, pois experimenta na própria carne de que barro fui moldado.

Obrigado, porque Tu sim me entendes.

Amém.

*Temos Alguém que nos entende,
porque compartilhou do nosso mesmo barro.*